

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Área de Concentração: Psicologia e Sociedade

Dissertação de Mestrado

**O Abandono nos Cursos
de Graduação da UFSC em 1997:
A Percepção dos Alunos-Abandono**

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM PSICOLOGIA

MARIA APARECIDA SILVEIRA HOTZA

FLORIANÓPOLIS, JULHO DE 2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado

***O ABANDONO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UFSC EM 1997: A
PERCEPÇÃO DOS ALUNOS-ABANDONO***

Maria Aparecida Silveira Hotza

Dissertação defendida como requisito básico para obtenção de Grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, Área de Concentração: Psicologia e Sociedade e aprovada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

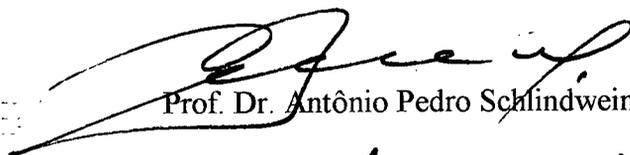


Prof. Dr. José Carlos Zanelli
Coordenador do Curso

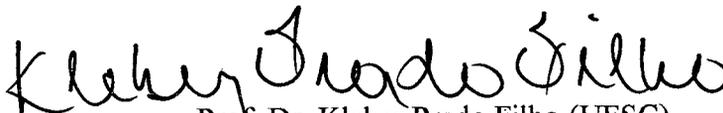
Banca Examinadora:



Prof.ª Dr.ª Dulce Helena Penna Soares (UFSC)
Orientadora



Prof. Dr. Antônio Pedro Schlindwein (UFSC)



Prof. Dr. Kleber Prado Filho (UFSC)

APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM, 18/07/2000.

A meu marido Dachamir, pelo seu apoio, companheirismo e amor

Agradecimentos

À Dulce, por sua orientação e compreensão ao longo de todo o trabalho.

À Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, em especial à Janete, pelo apoio recebido.

À CAPES, pela apoio financeiro através da concessão de uma bolsa de mestrado.

Ao Prof. Antônio Pedro Schlindwein, ex-Presidente da Comissão Permanente do Vestibular – COPERVE/UFSC, pelo incentivo para a pesquisa e por sua participação na Banca Examinadora deste trabalho.

Ao Prof. Kleber Prado Filho, pela sua contribuição como membro da Banca Examinadora deste trabalho.

A João Maria de Lima, Pró-Reitor de Administração, e Murilo César Ramos, Diretor do Departamento de Serviços Gerais - DAG/PRA, pelo apoio financeiro na impressão e envio dos questionários para os participantes.

Aos Professores José Carlos Zanelli, Edite Krawulski, Lucídio Bianchetti, Marcos Ribeiro Ferreira e aos colegas de mestrado, pela inestimável colaboração com o projeto.

Aos participantes da pesquisa, que gentilmente colaboraram e incentivaram este trabalho.

A meus pais, irmãos e sobrinhos pela confiança depositada.

Sumário

1	Introdução	1
2	A Escolha e o Abandono de um Curso Universitário	4
2.1	Contextualizando a Escolha Profissional	5
2.2	Abordagem Interdisciplinar	9
2.3	A Evasão no Sistema de Ensino Universitário	11
2.4	Estudos sobre Evasão em Cursos Superiores no Brasil e no Mundo	12
2.5	Evasão em Cursos de Graduação da UFSC	17
2.5.1	Formas de Ingresso e Egresso na Graduação da UFSC	17
2.5.2	Alunos Egressos da UFSC entre 95/1 e 97/2	21
3	Método	25
3.1	Pressupostos Metodológicos	25
3.2	Escolha dos Participantes	25
3.3	Estudo Preliminar	26
3.4	Instrumento de Pesquisa	28
3.5	Análise das Questões	28
4	Resultados e Discussão	32
4.1	Apresentação e Dados Gerais	32
4.2	Análise Individual das Questões	34
4.2.1	Que curso de graduação e que período você freqüentava quando deixou a universidade?	35
4.2.2	O que levou você a fazer vestibular para este curso?	39
4.2.3	Quais eram suas expectativas no momento em que você ingressou na universidade para fazer o curso?	41
4.2.4	Durante o curso, o que ocorreu para que você começasse a pensar em deixar a universidade?	46
4.2.5	O que foi definitivo para que você deixasse seu curso?	50

4.2.6	Agora (no momento de responder a este questionário) você acha que tomaria esta mesma decisão? Explique.	55
4.2.7	Caso não tenha ficado algo muito claro em suas respostas, posso contatá-lo para que possamos conversar?	59
4.3	Proposta de Perfis de Comportamento	61
4.3.1	Perfil 1: Ambiente Externo	64
4.3.2	Perfil 2: Ambiente UFSC	68
4.3.3	Perfil 3: Indivíduo	71
5	Conclusões	77
6	Referências Bibliográficas	81
7	Anexo	84
7.1	Carta de apresentação e questionário	84

Resumo

Partindo de uma população de 1216 alunos-abandono na UFSC nos semestres 97-1 e 97-2, foram enviados 941 questionários àqueles que tinham endereço postal completo. Houve 80 respostas, 73 das quais consideradas válidas. Os resultados mostram que houve uma distribuição homogênea de respondentes dentre os vários cursos da universidade e uma concentração de abandono nas primeiras fases, que pode se justificar pela falta de informação e conseqüente decepção pelo curso. Procurando identificar pontos em comum no discurso dos respondentes que justificassem um determinado tipo de comportamento em relação ao curso universitário escolhido, propõe-se que existam três perfis básicos nos quais se pode identificar um aluno-abandono. As diferenças de comportamento estão baseadas em *características individuais*, do *ambiente interno da UFSC* e das *condições exteriores* a esta instituição. O perfil mais freqüente no grupo analisado foi o fator “indivíduo” como dominante na escolha. Neste perfil, não havia de antemão um interesse maior do aluno pelo curso e, por conseguinte, pouca ou nenhuma expectativa positiva em relação à sua conclusão. A partir de algum momento durante a graduação, houve uma mudança de interesse que ocasionou o abandono. O aluno que deixou a universidade nestas condições não se arrepende de sua decisão. No perfil “ambiente externo”, cuja ocorrência foi a de segunda maior freqüência, o que ocorre é um interesse do aluno pelo curso num primeiro momento, uma expectativa positiva em relação à sua conclusão e a possibilidade de exercer a carreira escolhida. Em algum momento durante a graduação, o fator externo é preponderante na escolha do abandono, e este aluno continuaria o curso, caso as condições externas lhe fossem favoráveis. Em menor freqüência, aparecem os fatores ligados à própria estrutura da UFSC. Neste caso, apesar do interesse inicial do aluno pelo curso, e da expectativa positiva em relação à sua conclusão e a possibilidade de exercer a carreira escolhida, a partir de algum momento durante a graduação, algum fator interno da instituição foi definitivo na opção pelo abandono e este aluno tomaria a mesma decisão novamente. Conclui-se que se, do ponto de vista institucional, o abandono é uma perda, para o jovem este foi um momento de reflexão, ainda que tardio, sobre seus valores e perspectivas de futuro. Tal decisão foi, para a maioria dos ex-alunos pesquisados, um momento importante e positivo em suas vidas.

Abstract

The population of this survey was formed by 1216 students who abandoned the Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) in the semesters 97-1 and 97-2. A total of 941 questionnaires were sent to those students who had complete postal addresses. There were 80 answers, 73 of which were considered valid. The results show that there was a homogeneous distribution of respondents between the several courses of the university and a concentration of abandonment in the first phases, what can be justified for the lack of information and consequent deception for the course. Trying to identify points in common in the speech of the respondents, which could justify a certain type of behavior in relation to the chosen academic course, three basic profiles which can identify a student who abandoned the undergraduation course are proposed. The differences of behavior are based on *individual characteristics*, on the *internal environment of UFSC* and on *the external conditions* to this institution. The most frequent profile in the analyzed group was the factor "individual characteristics" as dominant in the choice. In this profile, there was not a large interest of the student in the beginning for the course and, consequently, little or any positive expectation in relation to its conclusion. In some moment during the undergraduation, there was a change of interest that caused the abandonment. The student that left the university in these conditions is not sorry for his/her decision. In the profile "external environment", whose occurrence was the second in frequency, what happens is an interest of the student for the course in a first moment, a positive expectation in relation to its conclusion and the possibility of exercising the chosen career. In some moment during the undergraduation, the external factor is preponderant in the choice of the abandonment, and this student would continue the course, if the external conditions were favorable. In smaller frequency appear the factors linked to the own structure of UFSC. In this case, in spite of the student's initial interest for the course and of the positive expectation in relation to its conclusion and the possibility to exercise the chosen career, in some moment during the undergraduation, some internal factor of the institution was definitive in the option for the abandonment and this student would make the same decision again. Concluding, if under the point of view of the institution the abandonment is a loss, for the youth this was a moment of reflection, although late, on their values and future perspectives. Such decision was, for most of the researched former students, an important and positive moment in their lives.

1 Introdução

Segundo o Relatório do Vestibular 97 [COPERVE/UFSC, 1997: p. 208], o número de estudantes que ingressaram na Universidade Federal de Santa Catarina de 1982 a 1991 e que concluíram os seus cursos de graduação num período máximo de seis anos foi de 38% na média. Em outras palavras, 62% dos alunos não se graduaram no período normal dos cursos, trocaram de curso ou, na sua maioria, simplesmente abandonaram a Universidade.

De acordo com a Comissão Permanente do Vestibular [idem, 1999], para o ingresso no ano letivo de 1999, a UFSC ofereceu 3.780 vagas, para os quais 29.977 candidatos fizeram inscrição, o que representou o contingente máximo de vestibulandos na história da Universidade. Estes números demonstram que é grande a procura pelo ensino superior e que só uma minoria dos candidatos inscritos (12,6%) é selecionada. Os jovens têm buscado cada vez mais, através da universidade, uma possibilidade de crescimento pessoal e profissional. Entretanto, tem ocorrido que após o esforço de vencer o desafio seletivo do concurso vestibular, uma parcela significativa dos alunos se evade dos cursos, gerando um grande questionamento sobre quais razões os teriam conduzido a tal ação.

O índice de evasão de uma instituição educacional é um dos parâmetros de avaliação do desempenho da mesma [Schwartzman, 1997: p. 149]. Uma alta taxa de evasão pode estar relacionada às deficiências do processo de ensino e/ou aos aspectos sócio-econômicos e pessoais dos alunos. Os indicadores atuais referentes à evasão na UFSC estão limitados a um levantamento dos percentuais dos alunos que não concluíram seu curso nos prazos previstos. Os motivos que levam os alunos a se evadirem da instituição não foram ainda pesquisados segundo uma abordagem qualitativa em nossa universidade. De fato, são poucos os estudos específicos a respeito do problema da evasão no ensino superior brasileiro.

A evasão no ensino superior é um processo que, além de frustrar os objetivos maiores da universidade¹, traz como decorrência o acréscimo do custo social referente ao ensino público su-

¹ Os objetivos da UFSC [UFSC, 1996: art. 3] são “produzir, sistematizar e socializar o saber filosófico, científico, artístico e tecnológico, ampliando e aprofundando a formação do ser humano para o exercício profissional, a reflexão crítica, a solidariedade nacional e internacional, na perspectiva da construção de uma sociedade justa e democrática e na defesa da qualidade de vida”.

perior. Esses custos de educação têm como principais elementos de despesa as instalações, os equipamentos e os recursos humanos (corpo docente e administrativo).

Independentemente da evasão ser um problema crônico em muitos cursos de graduação, a universidade necessita manter toda uma estrutura formal em funcionamento. Na UFSC, por exemplo, cursos como Matemática, Geografia e Filosofia, nos anos de 96 [COPERVE/UFSC, 1996: p. 174] e 97 [idem, 1997: p. 206] apresentaram percentagens de alunos formados inferiores a 10%, após 6 anos de curso. Dos alunos que restaram, a grande maioria se evadiu da universidade.

As altas taxas de evasão que existem hoje nas instituições de ensino superior brasileiras revelam que os estudantes entram nos cursos freqüentemente sem saber o que os espera. Assim, os estudantes teriam muito a ganhar se dispusessem de informações fidedignas não somente quanto aos aspectos formais dos cursos que escolheram, mas principalmente quanto à qualidade e à natureza da experiência educacional e formativa que os espera.

A escolha dos cursos superiores nunca é feita pelos estudantes de forma totalmente livre. As influências da família, dos amigos, dos professores, dos meios de comunicação são, muitas vezes, determinantes. Além disso os estudantes estarão limitados pelos conhecimentos adquiridos no curso secundário e pelas dificuldades de mobilidade geográfica. A tendência atual, no entanto, é no sentido do aumento progressivo da liberdade de escolha e a reintrodução dos exames vestibulares por área de conhecimento é uma indicação importante desse fato.

Segundo Soares-Lucchiari [1993: p. 95], “entre os jovens que buscam o Serviço de Orientação Profissional da UFSC, 40% são alunos da própria universidade que estão insatisfeitos em seus cursos e procuram uma confirmação da escolha ou uma nova opção”. Esse é um dado preocupante, que merece estudos mais aprofundados.

De acordo com indicadores atuais que se referem à evasão dos cursos de graduação da UFSC [Schlindwein, 1997], “33% dos seus alunos se graduam no curso pelo qual iniciaram o curso universitário. Os outros 67% abandonaram a universidade ou trocaram de carreira [ou ainda não concluíram seus cursos]. Algumas destas trocas envolvem três ou mais cursos, até o aluno se definir. Estas estatísticas não são ainda mais perversas porque grande parte dos cursos de alta demanda, aqueles que supostamente permitem profissões mais rentáveis, não apresentam quase evasão, o que não significa identidade vocacional de seus egressos.”

O conhecimento da natureza dos cursos superiores pode não só levar a melhores escolhas de carreira ou de faculdade, mas também fazer com que muitas pessoas desistam de prosseguir com seus estudos universitários e busquem outras opções educativas e profissionais, o que em si já seria um resultado bastante significativo. [Schwartzman, 1988: p. 27]

O exposto evidencia a importância de se adotar, num sistema dinâmico como é a universidade, um processo permanente de avaliação das razões que motivam a evasão, como é realizado por algumas instituições de ensino superior brasileiras, como a UFRGS [1991] e a Unicamp [Carcinel, 1996]. O objetivo de tais processos é fornecer subsídios para a busca de ações concretas que venham reduzir o número daqueles que abandonam o ensino superior. Através de um diagnóstico preciso é que se pode repensar as funções da universidade, dentro dos princípios de uma sociedade democrática, voltada para o desenvolvimento humano integral.

A questão central de pesquisa deste trabalho é:

- **Qual a percepção² dos alunos sobre o seu abandono dos cursos de graduação da UFSC no ano de 1997?**

Algumas questões derivadas da questão central são:

- Há perfis característicos de comportamento do aluno-abandono?
- O aluno-abandono tinha o curso universitário como projeto de vida?
- Fatores relativos ao ambiente interno da UFSC influenciaram na decisão do abandono?
- Fatores externos (sócio-econômico, família, saúde) são definitivos para que ocorra o abandono?

² Por percepção, entende-se o “processo pelo qual se captam estímulos e se interpreta o seu significado ou sentido, ressaltando que: a) diante da diversidade de dados disponíveis, tende-se a selecionar aqueles que permitem perceber um objeto adequado à capacidade da pessoa; b) a pessoa tende a completar sua percepção, analisando as informações e os dados captados e decidindo o futuro a partir do percebido”. [Martin-Baró, 1988]

2 A Escolha e o Abandono de um Curso Universitário

Na literatura consultada, não se encontram teorias formais a respeito especificamente do abandono de um curso universitário ou, em outras palavras, da desistência de uma “escolha” profissional prévia. No entanto, podemos considerar que o referencial teórico dos fatores que levam um indivíduo a tomar uma decisão de ingressar ou de evadir a universidade pertencem às mesmas disciplinas do conhecimento: Educação, Psicologia, Sociologia, Economia, entre outras.

De qualquer perspectiva – de quem escolhe entrar ou de quem escolhe sair da universidade – surge a questão fundamental da compreensão dos aspectos que determinam, condicionam ou influenciam esse momento de decisão. Os aspectos relativos à escolha profissional – e, por extensão, aqueles relativos ao abandono de um curso superior – podem ser agrupados de modos diferentes para fins didáticos. Assim, podem-se considerar grupos de aspectos individuais (ou psicológicos) e ambientais (sociais, políticos, econômicos, educacionais e familiares), conforme Soares [1987: p. 25].

Silva [1995: p. 25] e Levenfus [1997, p. 31], de acordo com o aspecto que julgam determinante da escolha profissional, propõem uma classificação das teorias em psicológicas, econômicas e sociológicas:

“... as teorias psicológicas se atêm às características pessoais dos indivíduos e aos processos psíquicos que governam suas escolhas profissionais, considerando a estrutura social e econômica como condições dadas que meramente impõe os limites nos quais esses processos psicológicos operam. Já as teorias econômicas examinam o modo pelo qual a estrutura de salários e os fatores econômicos canalizam o fluxo da força de trabalho, desconsiderando, no entanto, os processos psicológicos através dos quais essas forças sócio-econômicas se tornam efetivas. Já as teorias sociológicas focalizam a estrutura social estratificada em detrimento das características dos indivíduos ou da organização da economia analisando os efeitos do status dos pais sobre as oportunidades da criança, sem no entanto explicitar os mecanismos através dos quais tais fenômenos se reproduzem.” [Silva, 1995: p. 25]

Na literatura existe uma predominância das teorias psicológicas da escolha profissional [Cidral, 1998: p. 26]. Para Ferreti [1988: p. 16], a ênfase nas abordagens psicológicas é de natureza ideológica, pois permite uma justificativa científica para a adaptação do indivíduo ao trabalho e encobre fatores ambientais que intervêm no processo de escolha. De acordo com Bock [1995,

p. 61], as teorias psicológicas “prevêm uma atuação concreta sobre as pessoas”, e isso explica predominância dessas teorias na “(...) prática de orientação profissional no Brasil”.

2.1 Contextualizando a Escolha Profissional

A escolha profissional constitui, tema de pesquisa e atuação por parte de profissionais da Educação, Psicologia, Sociologia, Economia, cada qual tratando a problemática relativa ao assunto de formas específicas às diversas disciplinas. De modo geral surge a questão fundamental da compreensão dos aspectos que determinam, condicionam ou influenciam a escolha profissional, podendo-se agrupá-los de acordo com Soares [1987: p. 25] em fatores individuais (psicológicos) e fatores ambientais (sociais, políticos, econômicos, educacionais e familiares).

Os aspectos ou fatores individuais se relacionam a uma variedade de características que tem como elemento comum a atribuição ao indivíduo que escolhe. A preocupação com o indivíduo e a escolha da profissão aparece documentada pela primeira vez em 1575 em uma obra do médico espanhol Juan Huarte [Walther, 1962: p. 21], afirma que “... para poder orientar é preciso saber quais são as aptidões que permitem exercer convenientemente as diversas profissões”. E para isso, “que classes de talento (do indivíduo) podem-se distinguir e a que ramos das ciências melhor corresponderão.” Pode-se considerar a obra de Huarte como o marco de fundação da própria orientação vocacional ou profissional – entendida como ajuda a alguém que vai escolher uma ocupação.

Com o advento da revolução industrial, associada às mudanças sociais e à abertura de um novo mercado de trabalho no início do século XX, a orientação vocacional tomou novo impulso. Em 1908, Parsons [Pimenta, 1981: p. 21] criou um Serviço de Orientação Profissional na Associação Cristã de Moços, em Boston, nos Estados Unidos. Segundo Parsons, a adaptação ao mundo do trabalho depende da harmonia entre as aptidões e características do indivíduo, por um lado, e as exigências da profissão, por outro. Assim, se lançava (ou se retomava) a idéia do “homem certo no lugar certo” (“*the right man in the right place*”).

A participação dos Estados Unidos na II Guerra Mundial faz com que surja a necessidade de selecionar e classificar homens para as forças armadas. Com isso, aparece a *teoria dos traços e fatores*, dirigida às características individuais, embora a preocupação maior fosse a seleção do indivíduo para o lugar onde esse seria mais produtivo e não como uma ciência voltada ao interesse do próprio indivíduo.

A *teoria dos traços e fatores*, que resume toda a característica da psicologia vocacional de 1900 a 1950, está baseada em dois pontos:

- “1) O indivíduo é portador de características determinadas (interesses, aptidões, limitações, traços de personalidade) que diferem de indivíduo para indivíduo;
- 2) Toda e qualquer atividade profissional exige a execução de uma série de tarefas, mais ou menos específicas.” [Levenfus, 1997: p. 32]

Assim, a escolha de uma profissão está relacionada simultaneamente com as características individuais e as exigências profissionais. O ajuste entre estes aspectos, segundo a teoria, garante o bem-estar pessoal como resultado do bem-estar social. Esta teoria propõe, ainda, um determinismo vocacional, ao invés de uma decisão vocacional, já que as aptidões são entendidas como inatas, bastando, portanto, que estas sejam identificadas através de testes psicométricos.

No campo da *Psicodinâmica*, segundo Rivas [1988], pode-se falar de três abordagens a *teoria psicanalítica*, a *teoria da satisfação das necessidades individuais*, e a *teoria da tipologia*. Em comum, estas teorias apresentam as idéias analíticas da personalidade, do desenvolvimento qualitativo a partir das primeiras experiências infantis e em unidades explicativas de amplo alcance. Entretanto, as teorias diferem profundamente na forma de pensar a questão vocacional individual.

A *abordagem psicanalítica* utiliza conceitos como identificação, desenvolvimento de mecanismos de defesa, sublimação para explicar características de personalidade que influenciam a escolha profissional [Levenfus, 1997: p. 33]. De acordo com Pimenta [1981: p. 29], enquadram-se aqui as teorias psicanalíticas, baseadas na psicanálise ortodoxa, para a qual

“... o indivíduo se adapta às expectativas e costumes sociais, sublimando os desejos e impulsos que experimenta, como um resultado de sua natureza biológica. Pela socialização, o indivíduo aprende a satisfazer suas necessidades de maneira a contar com a aprovação do meio. Os mecanismos de conduta que o indivíduo adota para fazer frente à vida, constituem seu caráter e personalidade e são a base para a escolha de uma ocupação.”

Representantes dessa linha de pensamento, citados por Pimenta [1981] e Levenfus [1997] são Bordin, Nachmann e Segall. Estes pesquisadores elaboram a teoria do desenvolvimento vocacional, dando ênfase aos primeiros seis anos de vida, na estruturação da personalidade e na criação de necessidades que serão expressas mais tarde na conduta vocacional.

O segundo grupo das teorias psicodinâmicas é constituído pelas teorias baseadas na *satisfação das necessidades*. Nestas, a preocupação central são os desejos e necessidades que estimulam o indivíduo a preferir uma ocupação a outra. Sua principal representante é Anne Roe, que defende a idéia de que as primeiras experiências com a família (satisfações e frustrações de necessidades básicas) irão determinar o estilo que o indivíduo escolhe para satisfazer suas necessidades [Pimenta, 1981: p. 30; Levenfus [1997: p. 35]. Sem se distanciar das concepções psicanalíticas, Roe realiza suas experiências psicossociais com a família, entendendo o efeito da mesma na formação de necessidades e na estruturação da energia psíquica. Segundo a pesquisadora, a maneira como o indivíduo aprende a satisfazer suas necessidades determinará quais de suas capacidades, interesses e aptidões serão desenvolvidos. O principal problema dessa teoria é que ela não esclarece o mecanismo que relaciona as primeiras experiências à posterior escolha profissional.

A *tipologia* de Holland constitui o terceiro grupo das teorias psicodinâmicas [Pimenta 1981: p. 31; Levenfus [1997: p. 36]. Partindo do princípio de que o comportamento de um indivíduo pode ser explicado pela interação de seu padrão de personalidade com seu ambiente, Holland classificou as pessoas em seis tipos diferentes: realista, intelectual, social, tradicional (ou convencional), empreendedor (ou renovador) e artístico. Essa teoria, no entanto, não apresenta uma explicação plausível de como e por que as pessoas se desenvolvem conforme um tipo específico.

As *teorias desenvolvimentistas* (ou evolutivas) da escolha vocacional partem da idéia de que a escolha é um processo que se inicia ao final da infância e termina no início da idade adulta. Esses estudos se iniciaram na década de 50 com Ginzberg, um economista de tendências freudianas, juntamente com alguns colaboradores [Levenfus, 1997: p. 38]. Outros pesquisadores, como Super, Tiedman e O'Hara também colaboraram na elaboração da teoria desenvolvimentista. [Pimenta, 1981: p. 32].

Ginzberg divide o processo de escolha em 3 fases: fantasia (até 11 anos), tentativa (12 aos 17 anos) e realista (entre 17 e 21 anos). Ele afirma que o processo é irreversível e implica em algum compromisso (concessão que o indivíduo tem que fazer frente às limitações da realidade). [Pimenta, 1981: p. 33].

Super critica o conceito de “compromisso” de Ginzberg e focaliza o processo de decisão como dependentes de uma interação de fatores, que compreendem “as necessidades pessoais e os recursos do indivíduo, de um lado, as exigências ou demandas sociais e os recursos da cultura, de

outro. O primeiro inclui as necessidades, os valores, os interesses e as aptidões. O segundo compreende as oportunidades, experiências e exigências do lar e da comunidade” [Mattiazzi, 1974: p. 30].

As *teorias da decisão* utilizam modelos de decisão formulados no campo da Economia. Três contribuições merecem destaque: Gellat; Hilton; Hershenson e Roth [Pimenta, 1981: p. 39]. Gellat considera que todo processo de decisão possui duas características: há um indivíduo que deve tomar decisão e há dois ou mais caminhos, dos quais ele deve escolher um, a partir das informações que possui sobre esses caminhos. Ele propõe que o indivíduo adote um sistema racional para decidir [Levenfus, 1997: p. 42].

Hilton apresenta um conceito de tomada de decisão relacionado com uma teoria geral da conduta [Pimenta, 1981: p. 40]. “A escolha é explicada como tentativa de redução do nível de dissonância cognitiva³, elevado a níveis intoleráveis por um estímulo ambiental. Hilton preocupa-se em observar de que forma estímulos ambientais podem interferir, alterando e distorcendo as premissas e planos do sujeito”. [Levenfus, 1997: p. 42]

Hershenson e Roth, por fim, enfatizam que “as escolhas ocupacionais, no decorrer do desenvolvimento vocacional, são presididas por duas tendências (progressiva eliminação de alternativas e reforço das alternativas não excluídas) que restringem gradativamente a gama de opções, aumentando a certeza da decisão” [Ferreti, 1975: p. 39]. O processo é diferencial e privativo de cada sujeito e tem a ver com a base experiencial e sua história pessoal.

As teorias econômicas procuram explicar porque o número de trabalhadores é diferente nas várias ocupações (que fatores são determinantes para que os indivíduos escolham com mais frequência uma profissão e menos outras?). Para os economistas clássicos, a resposta a estas questões passa pela liberdade de escolha. Assim, o indivíduo escolhe a ocupação que julga lhe trará maiores benefícios (ou seja, maior salário). A maior parte dos economistas contemporâneos, no entanto, reconhece que a escolha de uma ocupação depende de variáveis como o prestígio da

³ Dissonância cognitiva é um conceito psicológico que exprime a idéia de que a pessoa sempre tende a adaptar um novo conhecimento dentro de um quadro de referências já conhecido, de modo a não conflitar com o mesmo. É o caso da raposa que se julga muito esperta e hábil, mas não consegue apanhar as uvas que quer. Ela diz: “As uvas estão verdes”. Ela “prefere” perceber inábil para apanhar as uvas maduras. [Neiva, 1995: p. 14],

profissão, a segurança do emprego, e os requisitos ocupacionais (características do trabalhador) exigidos pelas profissões. [Pimenta, 1981: p.27]

Para as *teorias cultural e sociológica*, o fator mais importante na determinação da escolha vocacional é a influência da cultura e da sociedade. Tais fatores para Miller e Form, citado em Pimenta [1981: p. 28], são: “cultura (ocidental, oriental, eurásiana); subcultura (região geográfica, classe social, antecedentes raciais); comunidade (conjunto de pares, grupo étnico); ambiente imediato (família, escola).”

2.2 Abordagem Interdisciplinar

As teorias clássicas da escolha profissional têm sido criticadas por considerarem só os fatores ambientais (sociais, políticos, econômicos, educacionais e familiares) ou só os psicológico (atribuídos ao sujeito que escolhe) como determinante na escolha.

Segundo o autor contemporâneo Bohoslavsky [1975: p.15], “a escolha está multi e sobredeterminada pela família, pela estrutura educacional e pelos meios de comunicação em massa, como também pela estrutura dialética social e a estrutura dialética subjetiva”. Assim, quando se considera o caráter multideterminado da escolha profissional, pode-se inscrevê-la como um fenômeno que não pode ser tomado apenas sob o prisma de seus fatores individuais ou de seus fatores ambientais. Quando se privilegia uma dessas classes de fatores, acarreta, por vezes, um problema bastante conhecido das ciências sociais: a dicotomização indivíduo-sociedade.”

Nesse sentido, tanto Bohoslavsky [1998] como outros autores também contemporâneos, procuram complementar uma abordagem psicológica com o contexto social. Ele critica o determinismo do chamado *modelo estatístico* (que pode ser comparado aos conceitos da teoria de traços e fatores) e propõe uma abordagem que denomina *clínica*, na qual a decisão a respeito da profissão é vista em termos de elaboração de conflitos e ansiedades quanto ao futuro. O modelo clínico parte da idéia de que as potencialidades para o exercício de uma profissão não podem ser medidas (contraposição aos princípios da psicometria) e se modificam no decorrer do desenvolvimento do sujeito.

Complementando a abordagem clínica, eminentemente psicológica, Bohoslavsky [1983, p. 19] afirma que o contexto social mais amplo influi na escolha através, por exemplo, do sistema de valores que os grupos compartilham em termos do destino de seus integrantes e do papel da educação na posição social de seus membros.

Além da remuneração das diversas profissões, aspectos relativos ao status que determinadas profissões têm no meio social em que se vive, devem ser considerados como determinantes no processo de escolha. O vestibulando pode optar por uma profissão socialmente valorizada e reconhecida, sem se dar conta da totalidade desta profissão (da trajetória que terá que percorrer tanto para se tornar um profissional como para exercer suas atividades). A identificação se fundamenta inteiramente no estereótipo do profissional bem sucedido.

Assim é o caso do filho que queria ser engenheiro, igual ao amigo do pai, pois este era rico, estava sempre com o carro do ano e tinha uma mulher linda ao seu lado. Na verdade o que ele queria era a posição social que este engenheiro em especial tinha. De acordo com Magalhães et al. [1998: p.36] “pessoas que apresentam um projeto de vida baseado apenas na aspiração de status elevado, mostram preocupação com um padrão de vida que possibilite conforto e satisfação de lazer e consumo”.

Há ainda a escolha que é feita em cima da *atividade com a qual se teve contato direto ou para a qual se tem uma habilidade específica*. Assim acontece com quem tem pouco contato com diferentes áreas ocupacionais, e se decide por uma com a qual esteve diretamente relacionado. É o caso do jovem que opta por Educação Física porque gosta de jogar bola ou surfar, confundindo muitas vezes hobby com profissão e apresentando desconhecimento de outras possibilidades. Além disso, há aquele que escolhe fazer Computação porque tem alguma habilidade com digitação, sem considerar outros fatores envolvidos na escolha profissional.

Assim, há a necessidade de se aprofundar a compreensão a respeito da abrangência dos fatores ambientais e individuais no processo de escolha profissional. Esse processo se encontra na fronteira de estudos da Psicologia e da Sociologia, em especial e, desta maneira, o entendimento mais completo deste processo só se dará pela concepção interdisciplinar do problema da escolha.

Estas teorias apresentadas nos permitem avaliar a complexidade da questão da “escolha profissional” e nos levarão a compreender melhor os “motivos do abandono” de um determinado curso superior. Podemos considerar que “abandonar um curso” é também uma “escolha” e durante a realização da pesquisa poderemos avaliar em que medida a “falta” dos “quesitos” básicos de uma boa escolha possa se constituir em motivo de abandono.

2.3 A Evasão no Sistema de Ensino Universitário

A conclusão ou não do curso dentro do prazo determinado pela instituição, no número de semestres curricularmente programado, pode ser entendida como um dos indicadores da eficiência do sistema. Uma discrepância acentuada entre a duração teórica (prevista) e a duração efetiva (real) dos cursos, afeta os índices de produtividade e indica deficiência no sistema cujas causas necessitam ser estudadas.

Poignant [1976, p. 8], no uso de um conceito simplista, afirmava que “o sistema escolar ideal, totalmente eficiente, seria aquele no qual os alunos matriculados saíssem diplomados nos prazos normais, significando um rendimento de 100%”.

A avaliação da universidade certamente permitirá avançar no campo diagnóstico de cada instituição pela identificação realística de suas potencialidades e deficiências, possibilitando de forma natural o estabelecimento de projetos institucionais de desenvolvimento, compatíveis com suas reais necessidades e vocações. [CRUB, 1988: p. 16]

No Brasil, a partir de 1993, tem início o Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras, propondo em sua metodologia o uso de indicadores definidos como um conjunto comparável de informações que permitam o diagnóstico da situação em estudo, seja ela global ou parcial. Na proposta nacional, a taxa de sucesso na graduação é um indicador sugerido que se relaciona à relação número de diplomados/número de iniciantes.

Um problema associado a este critério é a desconsideração de que diferentes cursos possuem diferentes tempos mínimos e máximos de integralização curricular e de créditos, e que os graduados em um determinado ano podem pertencer a turmas diferentes quanto ao ano de entrada [Grego, 1997: p. 108]. Não se avaliam, ainda, as causas efetivas da evasão, que necessitam ser levadas em conta para se compreender o movimento do processo de integralização curricular realizado na graduação [Bicudo, 1995: p.20].

Alguns problemas adicionais podem ser detectados [Schwartzman, 1997: p. 168]. O número de diplomados pode estar superestimando, se não for considerado apenas o primeiro diploma. Este é um problema que surgirá freqüentemente nas licenciaturas. O número de ingressantes deve incluir todos aqueles que entram pelo vestibular e os que ingressam por transferências ou obtenção de novo título. Para que a relação tenha significado, não pode haver mudanças abruptas na universidade, tais como criação concentrada de novos cursos, transferência em massa em um

determinado ano, entre outras. Idealmente, portanto, a taxa de evasão deve refletir o número de alunos que não concluem o curso em relação à turma original. Isto é, para um determinado grupo que ingresse na universidade, é importante saber qual a porcentagem que não se forma em um determinado período de tempo.

É importante ressaltar que nesta pesquisa o abandono não será focado do ponto de vista institucional, mas sob o aspecto da percepção individual dos alunos que abandonaram a universidade. No entanto, segundo estudos sobre evasão realizados em outras universidades – como descrito mais adiante, uma boa parcela de problemas levantados pelos alunos evadidos estão relacionados à instituição.

2.4 Estudos sobre Evasão em Cursos Superiores no Brasil e no Mundo

De acordo com um recente estudo feito por uma comissão de Pró-Reitores de Graduação, por solicitação da Secretaria de Educação Superior (SESu) do Ministério da Educação e do Desporto (MEC), aponta que o índice médio de evasão de cursos nas universidades públicas brasileiras é 40,4% [Carcinel, 1996]. Esse índice é inferior ao de países desenvolvidos, como Estados Unidos (50%) e França (65%). Na Argentina, um caso extremo, 81% dos ingressantes acaba deixando a universidade. O objetivo desse estudo foi o de fornecer subsídios para que o índice de evasão se iguale ao registrado na Alemanha e na Suíça (média de 25%). No entanto, o estudo não esclarece as particularidades de cada sistema de ensino, ou os aspectos socioculturais que podem explicar aparentes discrepâncias.

O estudo da SESu/MEC abrangeu todos os cursos de graduação de 53 IES públicas, o que corresponde a 67,1% das universidades brasileiras e 89,7% das federais. Nesse trabalho, foi caracterizada a evasão de curso nas seguintes situações: abandono, desistência, troca de curso e exclusão pela instituição. Estabeleceu-se o segundo semestre de 1994 como limite de conclusão dos cursos analisados, retroagindo, curso a curso, ao ano/período de ingresso segundo o prazo máximo de integralização. O mesmo procedimento foi aplicado aos anos anteriores a 1994, até que fossem totalizadas três gerações completas em cursos com ingresso anual e cinco gerações em cursos com ingresso semestral.

Para a Comissão de Pró-Reitores que organizou o estudo, algumas universidades não têm o controle ideal do percurso do aluno após o término do período permitido para a integralização do curso. Outra situação que tem dificultado o controle é quando o aluno, depois de algum tempo

deixa o curso e não oficializa o abandono. A universidade que não mantém um controle periódico sobre a migração ou o abandono continua considerando o aluno matriculado, o que provoca distorção nos dados. O estudo ainda conclui que a crise no sistema de ensino superior na atualidade é a dificuldade de inserção profissional, que se sobrepõe às motivações pessoais e habilidades dos estudantes que nele ingressam.

A síntese dos resultados dessa pesquisa pode ser vista na **Tabela 2.1**. A pesquisa indica que a área da saúde apresenta os melhores indicadores, enquanto que a área de ciências exatas e da terra apresentam os piores resultados. O estudo demonstra ainda que esses resultados são similares em diferentes regiões do país.

Tabela 2.1 Demonstrativo geral nacional de evasão nas universidades públicas brasileiras em cursos com limite de conclusão no semestre 94/2. [MEC/SESu, 1996].

Áreas	N.º de Cursos	N.º de Ingressantes	N.º de Diplomados	N.º de Retidos	N.º de Evadidos	% Diplomação	% Retenção	% Evasão
Ciências da Saúde	20	33.095	23.466	2.162	7.467	70,90	6,53	22,56
Ciências Agrárias	13	14.616	9.453	739	4.424	64,90	5,06	30,27
Ciências Sociais Aplicadas	36	46.321	23.392	5.544	17.385	50,50	11,97	37,53
Engenharias	18	22.856	10.936	1.866	10.054	47,85	8,16	43,99
Ciências Humanas	34	35.810	15.799	3.538	16.473	44,12	9,88	46,00
Ciências Biológicas	8	5.281	2.237	657	2.387	42,36	12,44	45,20
Linguística, Letras e Artes	60	20.579	7.941	2.366	10.272	38,59	11,50	49,91
Ciências Exatas e da Terra	26	20.309	5.630	2.696	11.983	27,72	13,27	59,00
Total Geral		198.867	98.854	19.568	80.445	49,71	9,84	40,45

A Unicamp, a universidade pública brasileira que detém o menor índice de evasão, atribui esse feito a um longo trabalho que vem sendo feito pela instituição desde 1988 [Carnicel, 1996: p. 7]. De fato a taxa decresceu progressivamente: em 1988 era de 35%, em 1990 caiu para 25% e em 1995 para 19%. Entre as medidas tomadas desde 1988 que resultaram na queda da evasão, podem ser citadas:

- proibição de matrícula em dois cursos (dentro ou fora da Unicamp),
- exclusão dos alunos que se ausentam nas primeiras semanas de aula, proibição de trancamento nos dois primeiros períodos letivos do curso,
- vagas decorrentes de evasão preenchidas através de concurso de vagas remanescentes,
- cancelamento de matrícula quando o aluno for reprovado em todas as disciplinas em qualquer dos dois primeiros períodos letivos,
- prioridade no preenchimento de vagas para a primeira opção de curso do candidato,
- um programa de recepção, integração e acompanhamento de calouros, em que o ingressante recebe orientação sobre o estudo das disciplinas do primeiro ano,
- um programa de tutorias, em que alunos mais adiantados de graduação ou de pós dão aulas para alunos com dificuldades.

Apesar de pesquisas quantitativas detalhadas, como o estudo do MEC/SESu, não tem havido no Brasil um número destacado de trabalhos com uma abordagem qualitativa do problema da evasão no ensino superior. Analisando o número de publicações sobre evasão no Brasil, nota-se que a maioria absoluta desses estudos aborda a evasão escolar no 1º ou 2º grau [Brandão, 1983; Lima, 1994]. As pesquisas publicadas nos últimos anos sobre a evasão no 3º grau estão limitadas a algumas dezenas de trabalhos [INEP, 1980-; UFRGS, 1987]. São, em sua maioria, dissertações realizadas em diferentes universidades e, em alguns casos, limitadas a cursos específicos, cujos resultados são de divulgação quase sempre limitada à instituição de origem. A seguir, são resenhadas algumas pesquisas representativas sobre evasão universitária no Brasil nas duas últimas décadas.

Costa [1979] estudou a evasão em diferentes cursos de graduação da UFRGS, ao longo de um período de conclusão considerado normal. Os resultados obtidos evidenciaram que a evasão é menor para cursos de 1ª opção, e maior para alunos com rendimento escolar mais baixo. Em outra pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul ao longo do triênio 85/87 [UFRGS, 1991], a causa mais apontada para alta evasão de determinados cursos de graduação

nessa universidade é a colisão de horários entre o curso e a atividade profissional. Outras causas relacionadas foram: modificação de interesses pessoais, decepção com o curso e, em alguns cursos tecnológicos, a precariedade de aparelhos e de material disponível.

Maia [1984] caracteriza o aluno evadido dos cursos de graduação da Universidade Federal da Paraíba entre 1975 e 1980. Os motivos de abandono são ligados a fatores individuais, sócio-econômicos e institucionais. Moraes [1986] avalia os motivos que condicionam o jovem a abandonar os cursos de graduação da USP ao longo de três anos. São citados dentre os motivos: custo econômico, desapontamento com a realidade encontrada nos cursos, desajuste com a nova metodologia de estudo. Moreira [1988] identifica as razões relacionadas com a evasão dos alunos do curso de biblioteconomia da UFRJ no período 1981-85. O estudo aponta o horário do curso, que impossibilita conciliar trabalho e estudo, como a principal razão da evasão.

No âmbito da UFSC, a evasão foi referenciada inicialmente em uma pesquisa de Guesser [1978], quando da implantação do sistema de matrículas por disciplina no final da década de setenta. Os resultados demonstraram que o índice global de eficiência, em relação aos alunos que iniciaram juntos o mesmo curso e o concluíram no tempo previsto, é baixo. Fatores endógenos e exógenos são relacionados à perda de eficiência do sistema. Mais recentemente, foi defendida uma dissertação de Mestrado em Administração na UFSC sobre o tema evasão na UFSC [Souza, 1999], cujo texto definitivo, no entanto, não se encontra disponível no momento.

O problema da evasão em cursos de pós-graduação também foi foco de pesquisas no Brasil. Seu número, no entanto, é bem inferior aos estudos de graduação. Andreola [1977] avalia a evasão nos cursos de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A disponibilidade de tempo para o curso, condicionada a compromissos profissionais dos alunos e à sua situação econômico-financeira aparece como variável determinante no fenômeno da evasão. O problema da evasão de um curso de pós-graduação, Mestrado em Educação na UFRJ no período 1979-83, foi enfocado por Tomé [Tomé, 1988]. Os alunos evadidos apontam o não atendimento das expectativas, a falta de avaliação do curso e problemas pessoais como causas do afastamento.

De maneira geral, os motivos da alta taxa de evasão relatados nas pesquisas publicadas podem estar relacionados tanto a falhas das instituições, quanto a aspectos econômico-financeiros e/ou psicológicos dos alunos, tais como:

- precariedade de aparelhos e de materiais disponíveis
- desleixo da universidade para com os cursos de baixo prestígio,
- decepção com o curso/professor ,

- colisão de horários entre curso e a atividade profissional,
- modificações de interesses pessoais,
- longo percurso até o local das aulas,
- falta de aptidões para a profissão escolhida,
- desejo de experimentar um novo curso, ou
- por motivo de saúde.

Algumas sugestões no sentido de diminuir os índices de evasão em cursos universitários foram também relacionadas em algumas pesquisas, como:

- flexibilidade com os horários,
- evitar regime integral,
- maior disponibilidade de professores nos três turnos,
- maior número de vagas e/ou cursos noturnos, e
- necessidade de uma orientação profissional.

2.5 Evasão em Cursos de Graduação da UFSC

2.5.1 Formas de Ingresso e Egresso na Graduação da UFSC

Com base no Regulamento dos Cursos de Graduação aprovado pelo Conselho Universitário [UFSC, 1997], são definidas as formas possíveis de entrada e saída da UFSC, **Figura 2.1**.

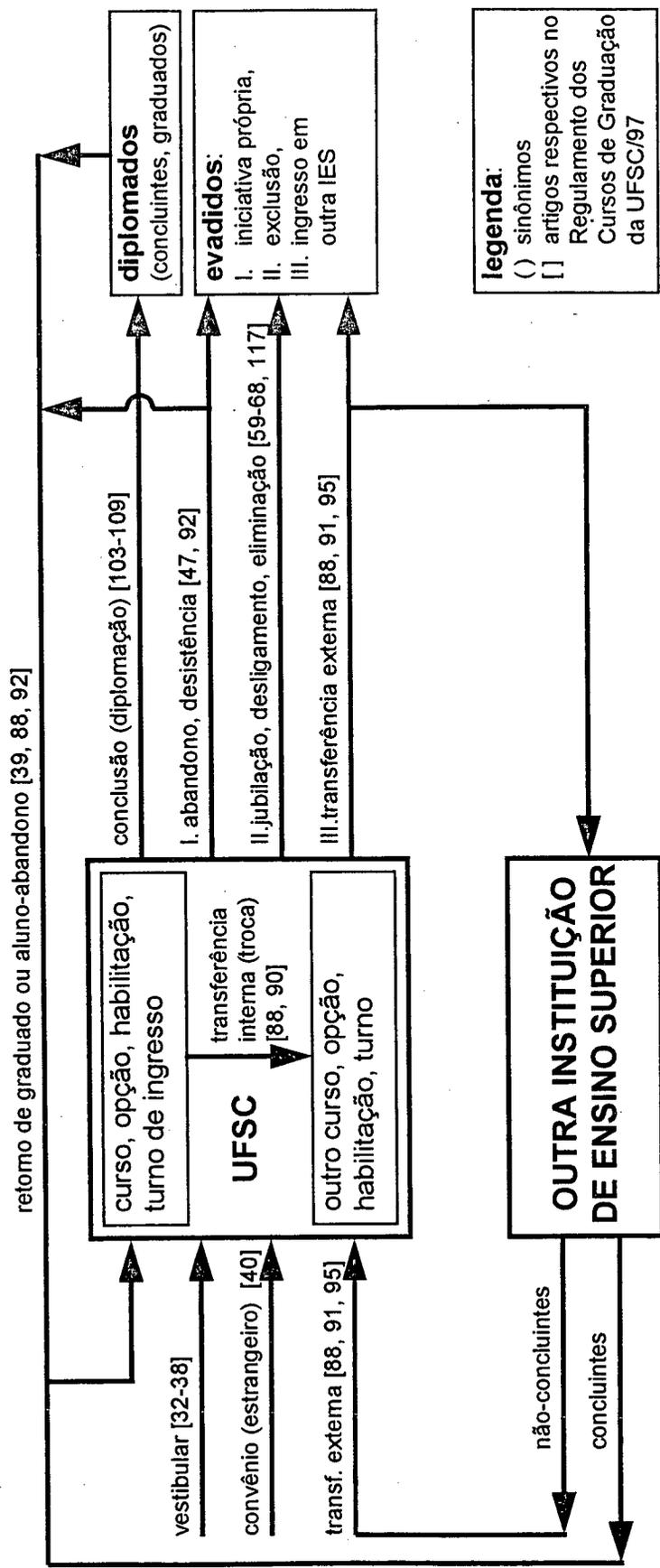


Figura 2.1 Formas de ingresso e egresso dos Cursos de Graduação da UFSC.

O ingresso na UFSC pode se dar por processo seletivo [idem: art. 32-38], por retorno e transferência [idem: art. 39] ou por convênio cultural [idem: art. 40]. É interessante notar que o Regulamento não identifica o *processo seletivo* como sendo o concurso vestibular, o que dá a entender que, no futuro, outras formas de ingresso possam ser introduzidas na UFSC. Considera-se *retorno* [idem: art. 92] a concessão de vaga para aluno-abandono (aquele que desistiu ou abandonou o curso) ou para graduado da UFSC ou de outras Instituições de Ensino Superior (IES). Pode-se acrescentar ainda como uma espécie de retorno a autorização de *permanência* na UFSC de alunos concluintes para integralizar nova habilitação do mesmo curso [idem: art. 93]. Considera-se *transferência externa* [idem: art. 91] a concessão de vaga para aluno de outra IES, nacional ou estrangeira. Um tipo especial de transferência externa é chamado de transferência coercitiva [idem: art. 95], concedida a servidor público federal ou membro das Forças Armadas, ou a seus dependentes, por motivo de mudança de residência. O programa de *convênio cultural* se aplica a estudantes de instituições estrangeiras [idem: art. 40].

As formas de egresso na UFSC não estão de todo explícitas no citado Regulamento. De qualquer forma, pode-se diferenciar quatro possibilidades de saída da Universidade: recusa de matrícula por iniciativa da UFSC [idem: art. 59-68], evasão definitiva por iniciativa do estudante [idem: art. 47, 92], transferência para uma outra IES [idem: art. 88, 91, 95] ou, naturalmente, *conclusão* do curso (diplomação ou colação de grau) [idem: art. 103-109].

As modalidades de exclusão de um estudante por iniciativa da Universidade são três:

- *jubilação* [idem: art. 59-64], ou seja, a não-conclusão do curso no prazo máximo estabelecido para integralização do respectivo currículo, na forma da legislação vigente, não sendo computado o período correspondente de trancamento de matrícula;
- *desligamento* [idem: art. 65-67] no caso de aluno estrangeiro, participante do programa de convênio cultural; e
- *eliminação* [idem: art. 68, 117], como resultado de aplicação de pena disciplinar.

Já a evasão por iniciativa própria do estudante pode ser dividida em:

- *abandono* [idem: art. 47, 92], correspondente à não-renovação da matrícula pelo aluno nos prazos previstos no calendário escolar, sem haver comunicação formal do aluno; ou
- *desistência* [idem: art. 92], quando há uma comunicação formal do aluno à Universidade.

O próprio Regulamento é, às vezes, dúbio em suas definições. O termo desligamento é colocado como sinônimo de eliminação em três referências [idem: art. 117, 121, 123]. A modalidade de desistência é citada como alternativa ao abandono apenas em uma oportunidade no Regulamento [idem: art. 92], sem que se faça uma diferenciação clara entre esses. Por analogia com definições geralmente aceitas desses termos [Carcinel, 1996: p. 6] é que se definiu desistência no âmbito deste trabalho. A transferência externa, por sua vez, só é citada explicitamente como alternativa de ingresso na UFSC, mas não como de egresso da instituição. Subentende-se que haja essa possibilidade nos dois sentidos.

Uma dificuldade adicional é a própria definição de evasão. Caso se esteja falando de evasão de curso, seria correto incluir ainda como forma de evasão a *transferência interna*, definida como a troca de turno, de habilitação, de opção ou de curso dentro da UFSC [UFSC, 1997: art. 90]. É possível, no entanto, falar de evasão como sendo a saída da Universidade como um todo, e se excluir, portanto, a transferência interna do conceito de evasão.

O próprio *trancamento de matrícula* pode ser entendido como uma evasão temporária que pode, ou não, se transformar em definitiva. Na UFSC, o período máximo de trancamento é de quatro semestres, não sendo computado para o tempo de integralização curricular [UFSC, 1997: art. 58].

Portanto, a definição mais ampla de *evasão* é a saída do discente da universidade ou de um de seus cursos, definitiva ou temporariamente, por qualquer motivo, exceto a diplomação. *Evasão definitiva* é a saída definitiva da universidade, ou seja, é aquela pela qual o aluno se afasta da UFSC por abandono, desistência, exclusão ou transferência para outra universidade. *Evasão temporária* é a saída temporária da UFSC, por trancamento de matrícula no curso. *Evasão de curso* é a modalidade de transferência interna, que envolve troca de curso, propriamente dito, habilitação ou opção no âmbito da UFSC.

Pode-se, por fim, distinguir graduações nos tipos mencionados de evasão. Do ponto de vista do aluno, a transferência, tanto interna quanto externa, não é uma perda para o sistema de ensino superior, já que o aluno egresso não-concluinte deverá ingressar em outro curso ou outra universidade, para prosseguir seus estudos.

As modalidades de jubilação, desligamento e eliminação, por sua vez, não constituem, em geral, um percentual significativo do total de evasões, como será visto na seqüência. Além disso, suas causas devem estar devidamente documentadas, pois o afastamento definitivo do aluno é, como mencionado anteriormente, uma iniciativa da Universidade.

As alternativas de evasão que restam, abandono e desistência, são por iniciativa do aluno e geralmente correspondem ao maior número de ocorrências. Constituem um afastamento definitivo da Universidade cujos motivos não estão registrados.

No âmbito deste trabalho, são usados, ainda, termos relativos à situação do aluno. Nesse sentido, *alunos evadidos* correspondem à soma de alunos afastados por abandono, desistência, exclusão, transferência interna ou externa. *Alunos retardatários* (ou retidos) são aqueles que não concluíram seus cursos no período proposto de integralização curricular, ou seja, soma dos alunos regulares e daqueles que fizeram trancamento de matrícula, após um período considerado. *Alunos formados* (diplomados ou concluintes) são aqueles que concluíram seus cursos de graduação. *Alunos egressos* são aqueles que trocaram de curso ou saíram da universidade como evadidos ou formados. *Alunos ingressantes* são aqueles que entraram na universidade por concurso vestibular, convênio, transferência externa ou retorno.

2.5.2 Alunos Egressos da UFSC entre 95/1 e 97/2

Na **Tabela 2.2** são apresentados os dados relativos aos alunos egressos da UFSC entre 95/1 e 97/2, de acordo com relatório solicitado ao Núcleo de Processamento de Dados (NPD).

Tabela 2.2 Alunos egressos da UFSC entre 95/1 e 97/2: números absolutos e percentagem do tipo de egresso/número total de egressos

	Abandono		Desistência		Eliminação		Jubilção		Transf. externa		Troca de curso		Diplomação		Evasão		Egresso	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
95/1	331	19%	346	20%	140	8%	10	1%	63	4%	85	5%	735	43%	975	57%	1710	
95/2	566	28%	213	10%	197	10%	13	1%	42	2%	61	3%	949	46%	1092	54%	2041	
96/1	603	30%	302	15%	160	8%	19	1%	68	3%	111	5%	756	37%	1263	63%	2019	
96/2	579	29%	192	10%	167	8%	12	1%	38	2%	108	5%	911	45%	1096	55%	2007	
97/1	691	33%	321	15%	138	7%	10	0%	42	2%	75	4%	838	40%	1277	60%	2115	
97/2	620	35%	125	7%	119	7%	10	1%	57	3%	67	4%	750	43%	998	57%	1748	
	3390	29%	1499	13%	921	8%	74	1%	310	3%	507	4%	4939	42%	6701	58%	11640	

O semestre 98/1 não foi incluído por se tratar de um semestre atípico em função da greve ocorrida na Universidade entre março e julho de 1998.

Pode-se notar uma relativa constância no número relativo de formados (em torno de 40% dos egressos). Destacam-se ainda como principais formas de evasão o abandono e a desistência. O abandono tem uma tendência crescente ao longo dos semestres pesquisados, enquanto que a desistência tem uma tendência decrescente. A soma de abandonos e desistências chega por vezes a superar o número de diplomados. As demais formas de evasão (eliminação, jubilação, transferência externa e troca de curso) não chegam a ultrapassar o patamar de 10% do total de egressos. Essas tendências podem ser mais bem visualizadas nas Figuras 2.2 e 2.3.

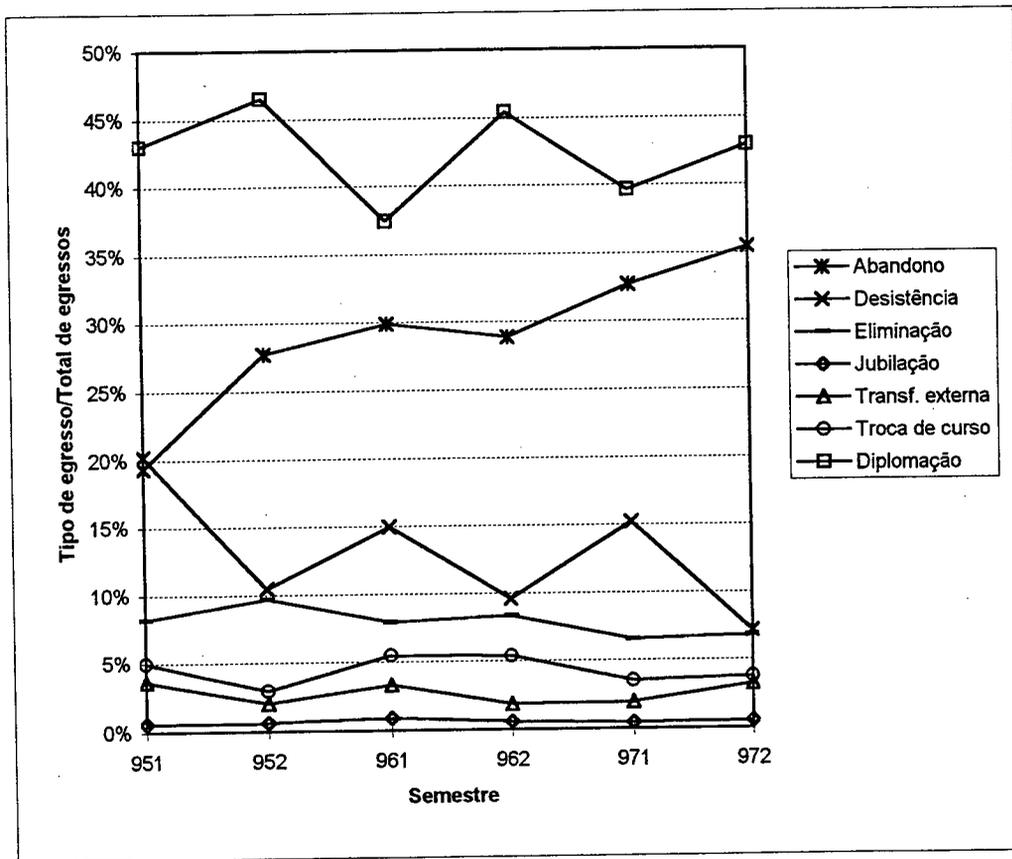
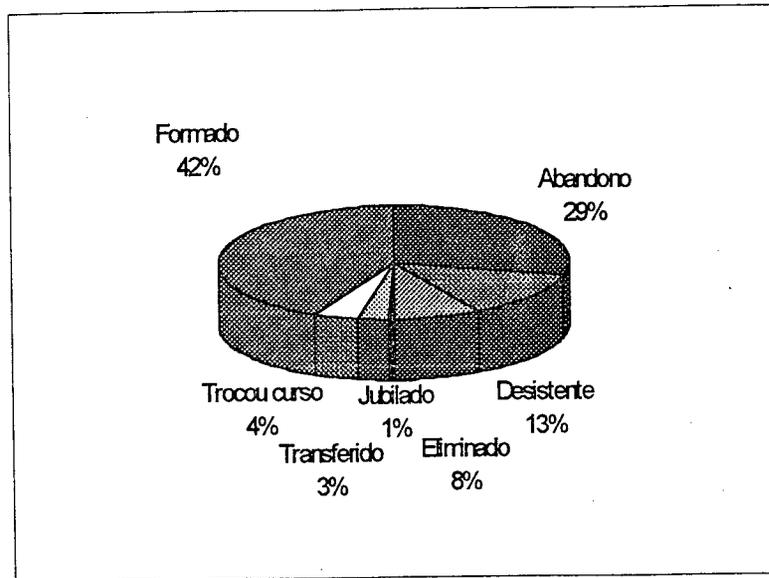
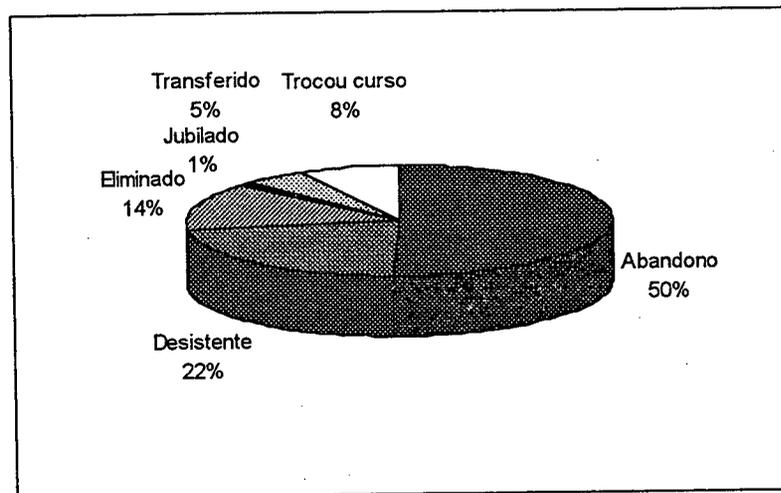


Figura 2.2 Tipo de egresso/total de alunos egressos da UFSC entre 95/1 e 97/2.



(a)



(b)

Figura 2.3 Percentuais médios de formas de: (a) egresso e (b) evasão da UFSC entre 95/1 e 97/2.

Apesar de dados estatísticos descritivos serem colhidos periodicamente, não se teve acesso a um estudo qualitativo que caracterize a origem do problema da evasão nos últimos anos no âmbito da UFSC. Percebe-se, portanto, a necessidade de se pesquisar qual a percepção dos alunos sobre o fenômeno da evasão de cursos de graduação da UFSC, principalmente por abandono e desistência.

3 Método

3.1 Pressupostos Metodológicos

A proposta inicial deste trabalho foi adotar tanto a abordagem quantitativa quanto a qualitativa, como modo de completar e ampliar informações. Para muitos autores, segundo comenta Chizzotti [1991: p. 34],

“a pesquisa quantitativa não deve ser oposta à pesquisa qualitativa, mas ambas devem sinergicamente convergir na complementaridade mútua, sem confinar os processos e questões metodológicas a limites que atribuam os métodos quantitativos exclusivamente ao positivismo ou os métodos qualitativos ao pensamento interpretativo (fenomenologia, dialética, hermenêutica, etc.)”.

Assim, em um primeiro momento, a abordagem quantitativa tinha como objetivo dar um panorama mais geral – esperando atingir um número maior de pessoas. Porém, o número de respostas foi baixo, não significativo quantitativamente. Neste segundo momento, então, foi dada ênfase à abordagem qualitativa, visando aprofundar questões relativas ao tema de pesquisa, utilizando-se os dados quantitativos como referência, porém, sem a preocupação de representatividade estatística. Desta forma,

“...descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.” [Richardson, 1985: p. 39]

3.2 Escolha dos Participantes

A pesquisa visou a um estudo mais detalhado sobre como os alunos-abandono percebem o seu abandono em cursos de graduação da UFSC no ano de 1997. Optou-se pelo tipo de evasão por abandono, por ter este o mais alto índice de evasão e cuja tendência é crescente ao longo dos últimos anos como mostrado anteriormente na **Figura 2.2**. A escolha do ano de 1997 se justifica pela maior probabilidade de que em anos mais recentes os endereços disponíveis estejam atualiza-

dos, e pelo fato de que o ano de 1998 foi atípico, em função da greve nas Universidades Públicas Federais.

Foram participantes desta pesquisa, num primeiro momento, todos os alunos que abandonaram os cursos de graduação na UFSC durante o ano de 1997, a partir de uma relação fornecida pelo NPD/UFSC de 1216 alunos-abandono em 97-1 e 97-2. Na prática, a pesquisa ficou restrita à população de alunos-abandono em 1997 na UFSC cujos endereços estavam completos, aos quais foram enviados questionários pelo correio (77,4%, n = 941). Foi cogitada ainda a possibilidade de complementar, num segundo momento, os dados da pesquisa através de entrevistas qualitativas com os respondentes que residam em Florianópolis que se disponibilizassem para isso. Tal etapa não foi efetivamente realizada devido à decisão de limitar a abrangência da pesquisa, já que a primeira etapa apresentou dados que demandaram um grande trabalho de coleta e análise.

3.3 Estudo Preliminar

Com o objetivo de melhor delimitar o problema de pesquisa e o método a ser utilizado, foi realizado no segundo semestre de 1998 um estudo preliminar. Inicialmente, o problema de pesquisa era o de levantar quais os motivos que levaram os alunos de graduação da UFSC a se evadirem entre os anos de 1995 e 1997. O tema abrangeria todos os tipos de evasão durante um período de três anos. O método de coleta de dados escolhido tinha sido o de entrevista qualitativa por telefone. Porém, após um estudo preliminar com esta população e a constatação das dificuldades encontradas, o problema da pesquisa foi melhor delimitado e o método foi modificado.

O estudo preliminar foi feito com 35 ex-alunos, evadidos entre os anos de 1995 e 1997. Os resultados deste estudo, **Tabela 3.1**, se referem a uma parte das entrevistas por telefone, realizadas com os alunos evadidos de 1995-1997.

Tabela 3.1 Estudo preliminar através de entrevistas por telefone sobre os motivos que levaram alunos da UFSC a evadirem seus cursos no período de 95 a 97.

Motivo*	Abandono	Desistência	Troca	Eliminação
Choque horário com trabalho, cansaço	3	2	1	1
Troca de cidade/país	4			1
Família/casamento/filhos	1			
Curso que passou era segunda opção	2	1		3
Desinteresse pela universidade/ curso/habilitação	4	1	2	3
Baixo retorno financeiro do curso	1			
Falta de informação sobre o curso, erro na escolha	1	2	2	2
Passou para outro curso na UFSC				2
Não foi informado do resultado da 2ª cha- mada				1

*Alguns entrevistados apresentaram mais do que um motivo de evasão

Esse agrupamento de motivos não foi utilizado para análises mais aprofundadas, considerando as dificuldades em se obter respostas em relação à realidade dos entrevistados, por meio de entrevistas telefônicas. As principais dificuldades encontradas foram as seguintes:

- A duração de entrevistas telefônicas é bastante reduzida, pois os entrevistados estavam envolvidos com outros afazeres.
- As entrevistas foram frequentemente interrompidas por familiares, com perguntas que não diziam respeito à pesquisa.
- Alguns entrevistados se sentiam constrangidos pela presença de outras pessoas no ambiente em que estavam.
- Dificuldade de localizar os ex-alunos em casa, já que as entrevistas foram realizadas no horário comercial.
- Além disso, o próprio fato de ter telefone pode ser um fator importante na avaliação dos resultados, pois já diferencia os alunos.

Em relação à metodologia, o estudo preliminar oportunizou uma primeira aproximação com o tema, trazendo elementos que levaram à mudança no instrumento de coleta de dados e

auxiliaram na elaboração das questões a serem enfocadas. A partir das dificuldades encontradas no estudo preliminar, o projeto de pesquisa foi reformulado nos seguintes aspectos:

- O período de abrangência passou de três anos (95 a 97) para um ano (97).
- O tipo de evasão abordado foi o abandono, apenas, ao invés de todos os tipos.
- O método de coleta de dados usado passou a ser um questionário enviado por correio ao invés de entrevista qualitativa por telefone.

3.4 Instrumento de Pesquisa

Objetivando abranger uma maior população pesquisada, foi elaborado um questionário com 7 perguntas abertas (em anexo). Este questionário foi enviado por correio para os alunos que abandonaram a universidade no ano de 1997. Optou-se por perguntas abertas pois estas permitem uma livre resposta do informante [Rudio, 1980: p. 93], e se aproximam, assim, de uma entrevista qualitativa, como no projeto inicial.

Junto ao questionário foi enviada uma carta de apresentação da autora e da pesquisa (também em anexo), mostrando a importância da participação do respondente. Ainda na carta, foi enfatizada a importância do prazo de devolução do questionário (no máximo, 15 dias), para que as respostas pudessem ser consideradas na pesquisa. Para incentivar o envio de respostas, o porte foi pago pelo destinatário, no caso, a UFSC.

3.5 Análise das Questões

As questões de número 1 a 7 foram analisadas, num primeiro momento, de maneira individual, questão por questão. No caso de questões que permitiam respostas múltiplas, todas as respostas foram consideradas. Nas respostas, foram destacadas palavras-chave que identificassem um discurso comum. Cada uma dessas respostas, para efeito de análise, foi transcrita para planilhas eletrônicas para que a sua frequência pudesse ser quantificada.

Na **Tabela 3.2**, está apresentada esquematicamente a planilha correspondente às respostas da questão 5, como itens de “A a P” ou ainda “não respondeu” ou “inconsistente”. As colunas “número do respondente/respostas múltiplas” estão representadas de forma parcial, para melhorar a visualização. Os percentuais calculados não correspondem a valores reais, já que a tabela foi abreviada. Analogamente, foram elaboradas planilhas para as questões de 1 a 4, 6 e 7.

Num segundo momento, foram analisadas as perguntas/respostas ao longo do tempo para cada respondente. Nesta etapa, procurou-se definir um perfil ou modelo que possa ser usado para prever a tendência de um aluno a permanecer em um curso universitário ou desistir dele. Para a análise, os dados anteriormente tabulados foram cruzados para se identificar pontos em comum no discurso dos respondentes, a partir dos quais foram construídas as categorias de discurso. De forma análoga ao procedimento anterior, foi usada uma planilha eletrônica.

Na **Tabela 3.3**, está apresentada esquematicamente a planilha correspondente à classificação em perfis, como itens de “1 a 3” ou ainda “outros”. As colunas “número do respondente” estão representadas de forma parcial, para melhorar a visualização. Os percentuais calculados não correspondem a valores reais, já que a tabela foi abreviada.

Tabela 3.2 Planilha eletrônica esquematizada para análise individual de questões.

Microsoft Excel - RESPTUDOv2000		P5 (2)																
Pergunta: ...		Número do Respondente/Respostas Múltiplas																
Respostas		Respostas Múltiplas																
n	%	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	(...)	73
A	3 4,1%			X							X							
B	3 4,1%									X				X				
C	5 6,8%	X	X	X										X				
D	5 6,8%	X	X	X										X				
E	2 2,7%					X	X											
F	3 4,1%	X																
G	2 2,7%							X										
H	2 2,7%								X									
I	2 2,7%									X								
J	1 1,4%										X							
K	3 4,1%											X						
L	0 0,0%													X				
M	1 1,4%																	
N	0 0,0%																	
O	0 0,0%																	
P	0 0,0%																	
Não respondeu	0 0,0%																	
Inconsistente	0 0,0%																	
Total	32	43,8%	3	4	3	1	1	1	1	2	1	3	1	4	4	2		

4 Resultados e Discussão

Neste capítulo, são descritos e discutidos os resultados da pesquisa. Inicialmente, são apresentados dados sobre o processo de envio, recebimento e seleção dos dados da pesquisa. A seguir, as discussões são organizadas pelo número da pergunta do questionário (análise individual das questões). Em seguida, propõe-se uma análise contextual dos discursos, que leva à definição de perfis de comportamento.

4.1 Apresentação e Dados Gerais

Como mencionado anteriormente, a partir de uma relação fornecida pelo NPD/UFSC de 1216 alunos-abandono em 97-1 e 97-2, foram selecionados para o envio dos questionários aqueles que tinham endereço postal completo (77,4%, $n = 941$). Destes houve 80 respostas (8,5% dos questionários enviados). Este número baixo de respondentes deve-se à provável desatualização dos endereços da base de dados da UFSC (defasagem de dois anos entre os dados e o momento da pesquisa), entre outros fatores. Dos questionários recebidos, 73 (91,3% dos recebidos) foram considerados válidos para esta pesquisa. As respostas descartadas foram aquelas enviadas por outras pessoas que não o aluno abandono, por ex-alunos que afirmaram não terem abandonado a universidade (apesar de constarem da lista do NPD), ou ainda por respostas incompletas.

O local de destino dos questionários enviados, bem como o local de envio dos questionários recebidos, estão apresentados resumidamente na **Tabela 4.1**. Nota-se uma diferença significativa entre os dados relativos ao material enviado e ao recebido. Entre os questionários enviados, os moradores da Grande Florianópolis constituíam pouco mais da metade dos endereços (53,9%). Já entre os recebidos esta porcentagem aumentou para quase 70% dos recebidos. Os respondentes do interior do Estado foram os menos participativos (diferença de 34,1% no envio para 18,8% no recebimento). Os percentuais de respondentes de outros Estados permaneceram essencialmente constantes, em torno de 12% tanto para enviados como para recebidos.

A frequência de envio das respostas está representada nas **Figuras 4.1a e 4.1b**, em número de dias contados entre a data de postagem do envio dos questionários aos respondentes e a data de postagem da carta-resposta ou e-mail. Nota-se uma distribuição de frequência, na qual o máximo de respostas corresponde a cerca de duas semanas do envio dos questionários.

Tabela 4.1 Local de destino/envio das respostas.

Local de destino/envio	Enviados		Recebidos			Recebidos não-válidos			Recebidos válidos		
	Nº	% enviados	Nº	% enviados	% recebidos	Nº	% enviados	% recebidos	Nº	% enviados	% recebidos
Grande Florianópolis ¹	507	53,9%	55	5,8%	68,8%	4	0,4%	5,0%	51	5,4%	63,8%
Interior de Santa Catarina ²	321	34,1%	15	1,6%	18,8%	2	0,2%	2,5%	13	1,4%	16,3%
Outros Estados ³	113	12,0%	10	1,1%	12,5%	1	0,1%	1,3%	9	1,0%	11,3%
Total	941	100%	80	8,5%	100%	7	100%	8,8%	73	7,8%	91,3%

¹ Florianópolis, Biguaçu, Palhoça, São João Batista, São José, Tijucas

² Blumenau, Garopaba, Itajaí, Joaçaba, Joinville, Lages, Laguna, Meleiro, Tubarão, Xanxerê

³ Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo

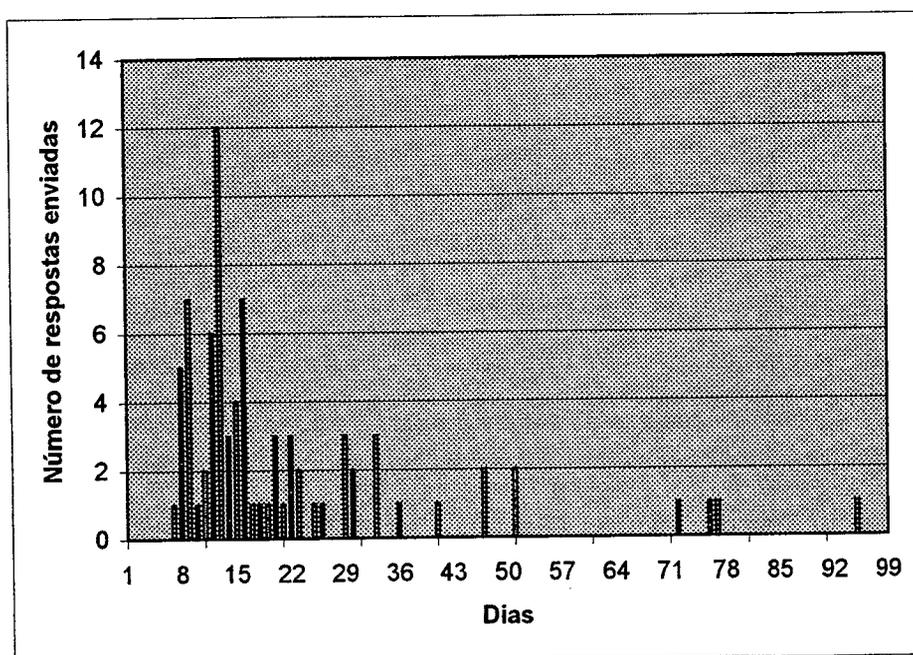


Figura 4.1a Distribuição de questionários enviados pelos respondentes em função do número de dias.

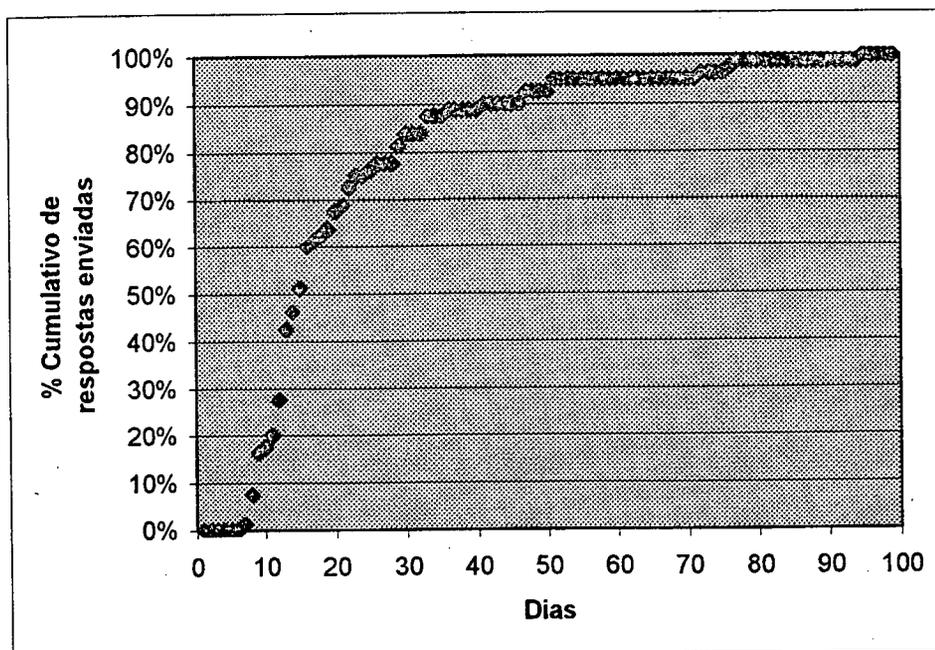


Figura 4.1b Distribuição cumulativa de questionários enviados pelos respondentes em função do número de dias.

Em termos cumulativos, 51% das respostas tinham sido enviados nos 15 primeiros dias, 84% nos 30 primeiros dias e 90% nos 45 primeiros dias. Para a presente pesquisa, foram consideradas todas as correspondências recebidas dentro dos 100 dias a contar do envio.

O meio mais usado pelos respondentes para envio dos questionários foi o correio (80%, $n = 64$). Vinte por cento ($n = 16$) responderam por e-mail.

4.2 Análise Individual das Questões

A seguir, são analisadas as questões de número 1 a 7 de maneira individual. Nas perguntas que permitem múltiplas respostas (números 2, 3, 4 e 5), todas as respostas foram consideradas para efeito de análise. Neste caso, o cálculo do percentual de ocorrência de respostas foi feito em relação ao número total de respondentes (73) e não em relação ao total de respostas por pergunta (que variou de 107 a 134). Assim, nas questões 2, 3, 4 e 5, a soma dos percentuais excede 100%.

4.2.1 Que curso de graduação e que período você freqüentava quando deixou a universidade?

Esta questão visava principalmente introduzir o tema ao ex-aluno e contextualizar no espaço e no tempo o acontecimento do abandono, já que as informações em si sobre curso e período estavam disponíveis no banco de dados do NPD/UFSC.

As respostas desta questão estão agrupadas nas **Tabelas 4.2a** e **4.2b**, referentes a curso/opção e curso/período de abandono dos ex-alunos. Nestas tabelas, os diferentes turnos, habilitações ou opções de um curso foram agrupados sob o mesmo título. Assim, por exemplo, Ciências Sociais inclui noturno e diurno, Bacharelado e Licenciatura; Letras inclui Línguas e Literaturas Alemã, Espanhola, Francesa, Inglesa, Italiana, Portuguesa e ainda Secretariado Bilingüe, Bacharelado e Licenciatura, noturno e diurno; as Engenharias, apesar de serem cursos independentes (Civil, de Alimentos, de Aquicultura, de Controle e Automação Industrial, de Materiais, de Produção, Elétrica, Mecânica, Química, Sanitária e Ambiental) foram agrupadas sob um só título, pois o ciclo básico (4 primeiras fases) tem a maioria das disciplinas comuns a todos os cursos e é justamente neste período que ocorre a maior parte do abandono.

Esses resultados, embora não possam ser interpretados quantitativamente, devido à sua baixa representatividade, mostram que houve uma distribuição homogênea de respondentes dentre os vários cursos da universidade. Apenas os cursos de Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Medicina e Odontologia não tiveram representantes na pesquisa. Uma provável causa é que estes cursos, em especial os da área da saúde, apresentam um nível muito baixo de evasão por abandono. Por outro lado, cursos cujo percentual de abandono é tradicionalmente alto (p. ex., Letras, Geografia e Filosofia), tiveram um alto número de respondentes.

Na **Tabela 4.2a**, destaca-se a forma de entrada do respondente no curso. Embora este aspecto não estivesse explícito em nenhuma das perguntas do questionário, houve menção em várias respostas que a entrada não se deu por primeira opção no vestibular (mas sim por segunda opção ou transferência/retorno). Tais informações, consideradas importantes, foram então agrupadas em tabela. A grande maioria (68,5%) escolheu o curso como primeira opção; uma parcela menor como segunda opção (17,8%) e uma outra parte (12,3%) foi admitido no curso através de retorno (no caso de aluno já formado em outro curso superior) ou transferência (no caso de troca de curso interna). Nota-se que os cursos que têm vagas disponíveis tanto para admissão em segunda opção no vestibular quanto para retorno ou transferência são aqueles que, naturalmente, têm um baixo índice de candidatos/vaga (Filosofia, Física, Geografia, História, Letras).

Tabela 4.2a Respostas à pergunta: “Que curso de graduação e que período você freqüentava quando deixou a universidade?”, primeira parte: curso/opção.

Curso	Opção		Retorno/ Transferência	Não respondeu	Respondentes	
	1	2			n°	%
Administração	3	0	0	0	3	4,1%
Agronomia	4	0	0	0	4	5,5%
Arquitetura e Urbanismo	2	0	0	0	2	2,7%
Biblioteconomia	2	0	0	0	2	2,7%
Ciências Biológicas	0	0	0	0	0	0,0%
Computação	1	0	0	0	1	1,4%
Ciências Contábeis	0	0	0	0	0	0,0%
Ciências Sociais	1	1	0	0	2	2,7%
Direito	2	0	1	0	3	4,1%
Economia	2	0	0	0	2	2,7%
Educação Física	1	0	0	0	1	1,4%
Enfermagem	0	0	0	1	1	1,4%
Engenharia	6	0	0	0	6	8,2%
Farmácia	1	0	0	0	1	1,4%
Filosofia	1	0	5	0	6	8,2%
Física	0	2	0	0	2	2,7%
Geografia	4	3	0	0	7	9,6%
História	1	2	0	0	3	4,1%
Jornalismo	3	0	0	0	3	4,1%
Letras	7	3	3	0	13	17,8%
Matemática	3	0	0	0	3	4,1%
Medicina	0	0	0	0	0	0,0%
Nutrição	1	0	0	0	1	1,4%
Odontologia	0	0	0	0	0	0,0%
Pedagogia	1	1	0	0	2	2,7%
Psicologia	1	1	0	0	2	2,7%
Química	1	0	0	0	1	1,4%
Serviço Social	2	0	0	0	2	2,7%
Subtotal (n)	50	13	9	1		
Subtotal (%)	68,5%	17,8%	12,3%	1,4%		
Total (n)			72	1	73	100,0%
Total (%)			98,6%	1,4%	73	100,0%

Na **Tabela 4.2b** estão relacionadas as fases nas quais os alunos abandonaram os respectivos cursos. Nota-se o número significativo (27,4%) de participantes da pesquisa que não responderam (ou responderam incorretamente) esta questão. Primeiramente, houve uma dificuldade na interpretação do termo “período” nesta questão. Nove ex-alunos entenderam “período” como parte do dia (matutino, vespertino ou noturno); um outro como ano. O significado pretendido na questão era o de fase ou semestre cursado do currículo sugerido do curso. Neste sentido, o termo “fase”, mais frequentemente empregado no âmbito da UFSC, causaria certamente menos erro de interpretação.

Além disso, em muitos casos, não se pode determinar exatamente qual a fase em curso, o que pode também explicar o percentual de respostas não válidas. Não há, nos cursos da UFSC, uma matrícula por fase. Existe apenas um currículo de cada curso que sugere as disciplinas que deverão ser cursadas. Somente na primeira fase, a matrícula é compulsória. A partir da segunda fase, a matrícula por disciplina é feita livremente pelo aluno, respeitados os pré-requisitos exigidos por certas disciplinas. Assim, por exemplo, um aluno que tivesse sido reprovado em todas as disciplinas da primeira fase sugerida, e que as cursasse novamente no semestre seguinte estaria na universidade pelo segundo semestre mas, novamente, na primeira fase. Há situações em que disciplinas de fases mais adiantadas podem ser cursadas, por não exigirem pré-requisitos, de modo que não é incomum se encontrar alunos que cursam disciplinas num certo semestre, relativas a duas ou mais fases.

No caso dos ex-alunos que responderam qual a fase que cursavam no momento do abandono, considerou-se que estes não tiveram dificuldades em determinar a fase na qual se enquadravam melhor. Nestas respostas válidas (72,6% dos respondentes), nota-se uma concentração de abandono nas primeiras fases. Dos respondentes, 54,8% abandonaram a universidade durante o primeiro ano, ou 85,0% durante os dois primeiros anos. Graficamente, esta evolução pode ser visualizada na **Figura 4.3**.

Tabela 4.2b Respostas à pergunta: “Que curso de graduação e que período você frequentava quando deixou a universidade?”, segunda parte: curso/fase.

Curso	Fase						Não respondeu	Respondentes	
	1	2	3	4	5	6-10		n	%
Administração	1	0	0	0	1	0	1	3	4%
Agronomia	1	1	0	0	0	0	2	4	5%
Arquitetura e Urbanismo	0	0	0	0	0	1	1	2	3%
Biblioteconomia	0	1	0	0	0	0	1	2	3%
Ciências Biológicas	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Computação	1	0	0	0	0	0	0	1	1%
Ciências Contábeis	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Ciências Sociais	0	1	0	0	0	0	1	2	3%
Direito	1	0	1	0	0	1	0	3	4%
Economia	0	1	1	0	0	0	0	2	3%
Educação Física	0	1	0	0	0	0	0	1	1%
Enfermagem	0	0	0	0	0	0	1	1	1%
Engenharia	0	2	0	3	0	0	1	6	8%
Farmácia	1	0	0	0	0	0	0	1	1%
Filosofia	1	1	1	1	0	1	1	6	8%
Física	2	0	0	0	0	0	0	2	3%
Geografia	2	0	2	2	0	0	1	7	10%
História	3	0	0	0	0	0	0	3	4%
Jornalismo	0	2	0	0	0	0	1	3	4%
Letras	4	0	2	1	2	0	4	13	18%
Matemática	0	1	0	0	0	0	2	3	4%
Medicina	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Nutrição	0	0	0	1	0	0	0	1	1%
Odontologia	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Pedagogia	0	0	0	0	1	0	1	2	3%
Psicologia	0	0	0	0	1	0	1	2	3%
Química	0	0	0	0	0	0	1	1	1%
Serviço Social	1	0	1	0	0	0	0	2	3%
Subtotal (n)	18	11	8	8	5	3			
Subtotal (%)	34,0	20,8	15,1	15,1	9,4	5,7			
Total (n)						53	20	73	
Total (%)						72,6	27,4	73	100,0

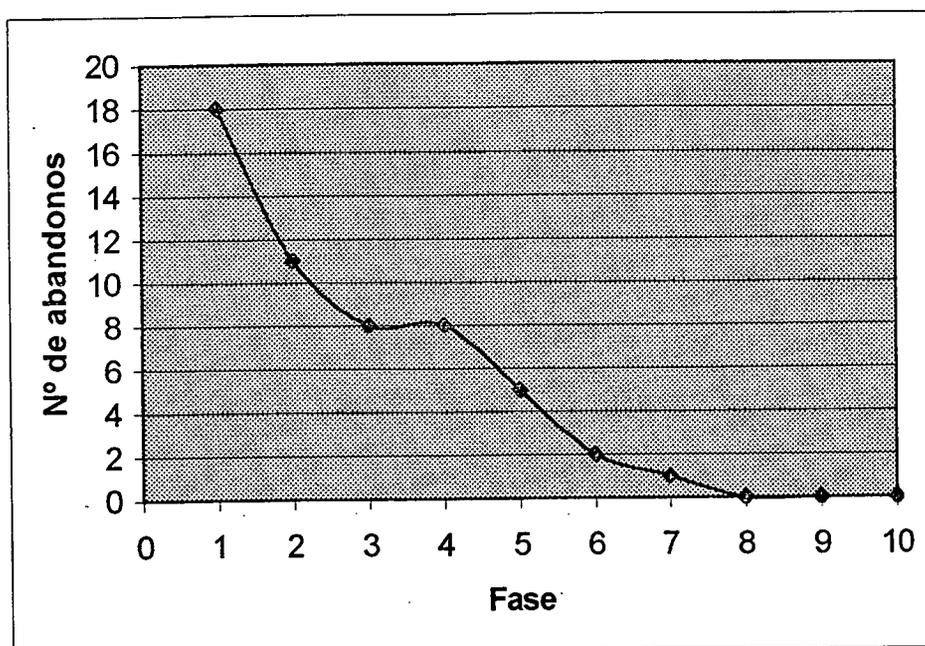


Figura 4.3 Fase em que ocorreu o abandono da população pesquisa nos Cursos de Graduação da UFSC.

De acordo com Lassance et al. [93], nas primeiras fases do curso de graduação, os estudantes ainda estão empolgados por terem passado no vestibular, sem se importar para que curso entraram. Estar na universidade se torna a coisa mais importante que a sua escolha propriamente dita. Depois deste período inicial de empolgação, vem em muitos casos a decepção com o curso, os professores e a universidade. E é neste momento que o estudante insatisfeito com o curso começa a repensar a escolha. Então, muitas vezes tenta uma transferência e, ao constatar que não é possível, desiste do curso que já não o atrai mais. Alguns vão à busca de uma outra escolha através de um novo vestibular, outros ainda procuram o serviço de orientação profissional, quando têm dúvidas, para auxiliar na sua nova escolha.

4.2.2 O que levou você a fazer vestibular para este curso?

As respostas a esta pergunta, **Tabela 4.3**, apresentam indícios, a partir dos quais pode-se refletir sobre fatores que levaram a uma escolha profissional equivocada. Nota-se que a resposta mais freqüente a esta questão, que foi citada por aproximadamente metade dos respondentes, foi “*Interesse/afinidade pelo curso/área*” (49,3%, n = 36). Respostas típicas são citadas a seguir:

“Achei interessantes desde as disciplinas do curso até as aplicações como profissional”.
[CF, Engenharia de Alimentos];

“Achei que correspondia com as minhas vontades pessoais e profissionais”. [LAN, Serviço Social];

“Eu gosto muito deste curso”. [TA, Ciências Sociais].

“Pessoalmente sempre fui ligada a esta área”. [CEP, Educação Física];

“A afinidade com tudo o que se relaciona a computadores. (...)” [KF, Computação];

Tabela 4.3 Respostas à pergunta: “O que levou você a fazer vestibular para este curso?”.

Respostas	n	%*
Interesse/afinidade pelo curso/área	36	49,3%
Curso fácil de ingressar (vestibular/retorno/transferência)	14	19,2%
Segunda opção	13	17,8%
Possibilidade de aumentar conhecimento/aprender	10	13,7%
Influência da família/amigos	9	12,3%
Aptidão/vocação	8	11,0%
Campo de trabalho amplo/promissor	8	11,0%
Possibilidade de transferência/validação para outro curso	6	8,2%
Interesse de fazer um curso superior	3	4,1%
Interesse pela universidade	3	4,1%
Possibilidade de ajudar pessoas/sociedade	3	4,1%
Interesse pela cidade	2	2,7%
Compatibilidade com o trabalho	1	1,4%
Curso fácil de cursar	1	1,4%
Curso noturno	1	1,4%
Falta de informação/orientação vocacional	1	1,4%
Não respondeu	1	1,4%
Obter habilitação para lecionar	1	1,4%
Total	121	165,8%

* N° respostas dividido pelo n° respondentes (73). Respostas múltiplas: total maior que 100%.

Muitas vezes os alunos se interessavam, na realidade, por um *aspecto do curso* e não tinham idéia do curso como um todo. Por exemplo, no caso do curso de Letras, a escolha do curso era, freqüentemente, associada ao aprendizado de uma língua estrangeira:

“(...) pela afinidade com o Espanhol. Queria realmente aprender essa língua (...)” [AEDC];

“(...) o meu interesse pela língua alemã é devido à descendência étnica de parte da minha família. E também o interesse em aprender várias outras línguas”. [CBA];

“(...) para me dedicar melhor ao estudo do francês (...)” [IADC].

Ou ainda, o gosto por determinada *disciplina* cursada no ensino médio leva o candidato a escolher um curso que lhe seja aparentemente afim. O adolescente opta por profissões relacionadas a matérias com as quais obteve sucesso no período escolar, sem considerar outros fatores envolvidos nessas profissões. Por exemplo:

“Afinidade com biologia”. [APP, Enfermagem];

“Porque eu gosto muito de Português (...)” [ACS, Letras];

“Sempre tive afinidade com inglês e português na escola”. [ALCM, Letras];

“O que me levou a fazer vestibular nesta área foi a afinidade com a língua portuguesa e inglesa”. [RT, Letras];

“Eu gostava muito de biologia no 2º grau.” [FC, Agronomia];

“Durante o ensino médio, eu já gostava de matemática (...)” [GFB, Matemática].

4.2.3 Quais eram suas expectativas no momento em que você ingressou na universidade para fazer o curso?

A **Tabela 4.4** apresenta as respostas a esta pergunta, em ordem decrescente de ocorrência. A resposta mais freqüente a esta questão foi “*Desenvolvimento pessoal/profissional*” (37,0%, n = 27). Foram incluídas neste item todas as menções a estudar, aprender, ampliar conhecimento.

Tabela 4.4 Respostas à pergunta: “Quais eram suas expectativas no momento em que você ingressou na universidade para fazer o curso?”.

Respostas	n	%*
Desenvolvimento pessoal/profissional (estudar, aprender)	27	37,0%
Concluir o curso	23	31,5%
Exercer profissão	18	24,7%
Possibilidade de transferência/validação para outro curso	8	11,0%
Nenhuma expectativa	6	8,2%
Curso mais estruturado/integrado/completo/prático	5	6,8%
Fazer especialização/pós-graduação	5	6,8%
Vir a gostar do curso	3	4,1%
Bons professores/boa relação professor-aluno	3	4,1%
Inconsistente (resposta incompreensível)	3	4,1%
Melhorar situação financeira	3	4,1%
Oportunidade de pesquisa/extensão	3	4,1%
Superar dificuldades com o curso/disciplinas	3	4,1%
Boa infraestrutura da universidade	2	2,7%
Interesse/desejo de estar na universidade	2	2,7%
Não chegou a ingressar	2	2,7%
Oportunidade de discussões políticas/sociais	2	2,7%
Mais cobrança	1	1,4%
Não respondeu	1	1,4%
Não sabe/não lembra	1	1,4%
Orientação sobre atuação profissional futura	1	1,4%
Total	122	167,1%

* N° respostas dividido pelo n° respondentes (73). Respostas múltiplas: total maior que 100%.

Respostas típicas são citadas a seguir:

“Acho que a maioria das pessoas, ao ingressar na faculdade, procura uma associação entre desenvolver o lado pessoal e profissional”. [AGL, História];

“Ampliar o conhecimento em diversas áreas”. [EG, Geografia];

“Estudar e encontrar estruturas para alcançar meus ideais profissionais”. [LMD, Geografia];

“Minhas expectativas eram realizar-me pessoalmente”. [MV, Letras];

“Era de passar e vencer e ser bem sucedida na minha vida profissional e pessoal”. [MHA, Psicologia];

“Crescimento pessoal e profissional”. [RDN, Letras];

“Possibilidade de crescimento profissional e pessoal, habilitando-me a concursos de nível superior”. [SMDS, Filosofia];

É evidente o desejo de obter formação universitária, em adquirir, maiores conhecimentos. Pode-se perceber que os adolescentes têm buscado na universidade um caminho para sua independência, para uma vida melhor.

Duas respostas citadas com uma grande frequência foram “*Concluir o curso*” (31,5%, n = 23) e “*Exercer profissão*” (24,7%, n = 18). Estas respostas estavam quase sempre juntas, como nos exemplos abaixo:

“Estudar até o fim, formar, trabalhar, etc. (...)” [AADS, Engenharia Elétrica];

“Pelo menos conseguir concluir o curso e trabalhar na área”. [CRH, Nutrição];

“As mesmas de qualquer pessoa que ingressa em uma universidade, se formar e exercer a profissão”. [CEP, Educação Física];

“Formar-me como arquiteto (...) e constituir carreira como tal”. [GK, Arquitetura];

“(...) Sonhava em me realizar profissionalmente com o curso e futuramente atuar”. [SAR, Biblioteconomia].

No entanto, cinco respondentes afirmaram que queriam concluir o curso, sem fazer menção em exercer a profissão. Destes, dois citaram a perspectiva de fazer um concurso público de carreira de nível superior. Outros tinham interesse em ampliar ou complementar conhecimentos:

“Eram muitas expectativas... Me formar em duas universidades ao mesmo tempo (...)”. [AEDC, Letras];

“Aprofundar conhecimentos na área do direito, concluir o curso e fazer um concurso público”. [FS, Direito];

“As perspectivas eram de ser formado. Lecionar Geografia não era um objetivo que estive”. [JDSJ, Geografia];

“Possibilidade de crescimento profissional e pessoal, habilitando-me a concursos de nível superior”. [SMDS, Filosofia];

“(…) Então eu o escolhi com a intenção de me aprofundar muito na área de computação, para que meu diploma e currículo fossem mais valorizados”. [TSG, Engenharia Elétrica].

Dos que responderam simultaneamente “*Concluir o curso*” e “*Exercer a profissão*”; muitos (7) associaram a estada na universidade com “*Desenvolvimento pessoal/profissional*”. Alguns exemplos:

“Aprofundar conhecimentos na área do Direito, concluir o curso e fazer um concurso público”. [FS, Direito];

“Obter formação a fim de garantir meu futuro fazendo algo de que gosto”. [GPM, Direito];

“Era de passar e vencer e ser bem sucedida na minha vida profissional e pessoal”. [MHA, Psicologia];

“Tudo o que eu mais queria era acrescentar algo mais em minha vida no sentido do saber. Nunca pensava em parar de estudar para mim o estudo era muito importante, na minha vida pessoal e profissional. Sonhava em me realizar profissionalmente com o curso e futuramente atuar”. [SAR, Biblioteconomia].

Ainda dos que responderam “*Concluir o curso*” e “*Exercer a profissão*”, alguns (4) associaram a estada na universidade com “*Fazer especialização/pós-graduação*”. Alguns exemplos:

“Aprender a língua alemã e com isso abrir novas oportunidades de trabalho e até mesmo um possível mestrado em artes (curso que faço na UDESC, Bacharelado em escultura 9ª fase) fora do país”. [CBA, Letras];

“(...) assim que ingressei na faculdade tinha a idéia de me formar na UFSC. E cada vez mais queria isso. Eu já procurava subdivisões dentro da área que mais me interessariam trabalhar, pensava em que iria me especializar, etc”. [CF, Engenharia de Alimentos];

“Minhas expectativas, eram de me formar, fazer especialização, e seguir em frente, trabalhar nesta área”. [TA, Ciências Sociais];

“As minhas expectativas quando ingressei no curso de Letras eram (...) pensar em uma carreira acadêmica (mestrado e outros)”. [RT, Letras].

Muitos dos respondentes tinham *pouca ou nenhuma expectativa* em relação ao curso em que estavam matriculados. Alguns imaginavam aproveitar este período na universidade para servir de trampolim para o curso desejado, através de uma possível transferência interna. Outros procuravam adiantar disciplinas que pudessem ser aproveitadas no curso desejado. Algumas citações nesse sentido:

“(...) ao mesmo tempo pensava em transferência (...)”. [AEDC, Letras];

“(...) a expectativa de tentar transferência para o curso de Direito, que era meu objetivo, haja visto que trabalho num escritório de advogados”. [BLP, Biblioteconomia];

“A princípio, pensei em começar o curso e posteriormente tentar permuta para outro curso (...)”. [ES]

“Em eliminar o maior número de matérias compatíveis com o curso de Direito, para, quando fosse aprovado para tal, pudesse validar tais matérias”. [FC, Ciências Sociais]

“(...) eu me matriculei em Pedagogia só pelas facilidades do aluno UFSC e também para tentar fazer cadeiras no curso de computação (...)”. [LRU, Pedagogia];

“Na instituição, nenhuma, e no curso, a que ele serviria de trampolim para o Bacharelado em Direito”. [RG, História]

Seis respostas foram lacônicas: “*Nenhuma expectativa*”. Cinco respondentes tiveram frustradas as suas expectativas de “*Curso mais estruturado/integrado/completo/prático*”. É evi-

dente, nesses casos, a falta de informações essenciais para a escolha de um curso, manifestada através de fantasias e estereótipos.

“Um curso metodologicamente integrado, com embasamento científico sólido, oportunidades de pesquisa e extensão, e discussões sociais e políticas a respeito da sociedade brasileira (...)”. [ARS, Direito];

“Eu pensei que o curso fosse mais prático e com menos matérias básicas como matemática, física, estatística, etc”. [ACDA, Engenharia de Alimentos];

“Que o tema das aulas envolvesse leitura de textos, correção, línguas, enfim, que exercitasse bastante a nossa língua; mas quando entrei, descobri que só ia ter gramática lá pela 4ª fase. (...)”. [DPG, Letras]

“De ter uma profissão voltada na área de laboratórios, pesquisas”. [MHS, Química];

“(...) eu esperava que lá pelo terceiro ano, as matérias chatas e básicas acabariam (...)”. [TSG, Engenharia Elétrica].

As demais respostas aparecem em percentuais inferiores a 5%, tendo sido quase sempre discutidas anteriormente, em paralelo com as respostas de ocorrência mais freqüente.

4.2.4 Durante o curso, o que ocorreu para que você começasse a pensar em deixar a universidade?

A Tabela 4.5 apresenta as respostas a esta pergunta, em ordem decrescente de ocorrência. Esta questão visou uma comparação com a pergunta anterior (momento inicial) e com a posterior (momento da decisão), para avaliar se houve eventualmente uma mudança nos valores ou critérios para a escolha de abandonar a universidade, ao longo do tempo. A resposta mais freqüente a esta questão foi “*Decepção com curso*” (30,1%, n = 22).

Tabela 4.5 Respostas à pergunta: “Durante o curso, o que ocorreu para que você começasse a pensar em deixar a universidade?”.

Respostas	n	%*
Decepção com curso (desestímulo, desinteresse)	22	30,1%
Dificuldade em conciliar estudo/trabalho	17	23,3%
Interesse por outro curso/área	15	20,5%
Aprovação em outro vestibular/aceitação PG	13	17,8%
Dificuldade financeira	9	12,3%
Decepção com professores (desestímulo, desinteresse)	8	11,0%
Dificuldade com o curso/disciplinas	7	9,6%
Falta de aptidão para o curso	7	9,6%
Decepção com universidade (desestímulo, desinteresse)	6	8,2%
Dificuldade em conciliar 2 cursos/universidades	6	8,2%
Gravidez/casamento/filhos	6	8,2%
Problemas pessoais: não especificados	5	6,8%
Baixa remuneração/reconhecimento da profissão	3	4,1%
Impossibilidade de transferência para curso desejado	3	4,1%
Inconsistente (resposta incompreensível)	3	4,1%
Mudança de residência	3	4,1%
Falta de informação sobre trancamento	2	2,7%
Problemas de saúde	2	2,7%
Não respondeu	1	1,4%
Não sabia para que curso prestar	0	0,0%
Total	134	183,6%

* N° respostas dividido pelo n° respondentes (73). Respostas múltiplas: total maior que 100%.

Foram incluídas neste item todas as menções a desestímulo, desinteresse, desmotivação, desânimo e outros atributos considerados sinônimos:

“Verifiquei que o curso não era o que pensava. (...)” [FC, Agronomia]

“(...) não compatibilidade de interesses do curso que fora deixado”. [FC, Ciências Sociais]

“Eu não tinha ânimo algum para estudar os conteúdos, tanto que, apesar de sempre passar em tudo, nunca me dediquei realmente ao curso”. [LLDM, Engenharia Elétrica]

“Eu não tinha o mínimo interesse no curso em questão e estava ‘estourando’ todas as faltas possíveis”. [LRU, Pedagogia]

“(…) percebi que não era aquilo que queria. Me desmotivei por causa das matérias, e pela distância de um Campus para o outro. As matérias em um mesmo dia aconteciam em lugares diferentes, com pessoas diferentes. Não gostei. Queria uma faculdade mais estável”. [MCM, Agronomia]

“O que foi definitivo para deixar o curso, foi a não adaptação com este, não era o que realmente eu queria”. [PM, Geografia]

Em alguns destes respondentes, a decepção era extensiva aos *professores* e/ou à *universidade* como um todo:

“Falta de integração entre as disciplinas, alguns professores extremamente antídídáticos e aulas no estilo ‘colégio’, cobrando memorização de conceitos hoje já superados (...)” [ARS, Direito]

“(…) Intriga com alguns professores o que proporcionou um desestímulo”. [CR, Geografia]

“Eu freqüentei apenas uma semana de aula e desisti. Primeiro porque me decepcionei muito com a maneira como fomos recebidos no primeiro dia de aula. (...)” [DPG, Letras]

“Ambiente, o pessoal, o curso em si”. [MV, Letras]

“(…) Algumas matérias e alguns professores. (...)” [WFI, Administração]

A segunda resposta mais freqüente foi “*Dificuldade em conciliar estudo/trabalho*” (23,3%, n = 17):

“(…) comecei a trabalhar no comércio (ganhei uma loja). (...)”. [ALCM, Letras]

“Ser cansativo ir a aula, depois do trabalho, (...)” [BLP, Biblioteconomia]

“(…) eu trabalhava à noite (Bradesco compensação) e às vezes dormia 4 horas ou menos, pois chegava às vezes, 3 horas da manhã e 6 horas tinha que pegar o ônibus. Agüentei está

rotina um ano e meio, depois ter reprovado em 4 disciplinas, não pude mais continuar, pois o cansaço físico e mental era demais”. [GFB, Matemática]

“No meu caso, deixei o curso de filosofia não por desejo próprio, ou opção, mas por não mais conseguir compatibilizar os estudos, cada dia mais exigentes, com meu trabalho. Sou juíza de direito há 16 anos e o volume de processos me impossibilitou seguir com os estudos de filosofia, infelizmente”. [MENM, Filosofia]

“Me arrependo de ter abandonado o curso e a universidade, mas não consegui conciliar a universidade com o trabalho. Não tinha tempo para estudar, só freqüentar aula, não resolvia”. [PPDC, Matemática]

“Necessidade de dedicação ao trabalho (...)” [RDN, Letras]

“O fato de acordar muito cedo, estava atrapalhando o meu desempenho profissional na empresa onde trabalho e sou sócio proprietário até hoje”. [RM, Letras]

Algumas destas respostas enfatizavam a dificuldade de encaixar os *horários de aulas com os do trabalho*, outras enfatizavam a *necessidade de trabalhar* (dificuldade financeira):

“Tive contratemplos no horário, e o meu financeiro falou mais alto, tenho 2 filhos e dependo unicamente do meu trabalho (salário). E não estava tendo muito tempo para me dedicar aos estudos”. [MHS, Química]

“(…) Também a necessidade de trabalhar, o que ficava prejudicado com grades de horário que não facilitavam o trabalho em paralelo aos estudos. Aderi então às bolsas de trabalho, onde a remuneração era insuficiente para aluguel, alimentação, transporte e material didático. Fui diminuindo o n.º de créditos aos poucos e trancando semestres”. [RM2, Jornalismo]

“(…) por ter que trabalhar na minha loja e do meu marido, com isso não deu para conciliar os estudos (que era em tempo integral). (...)” [CRH, Nutrição]

A terceira resposta mais freqüente foi “*Interesse por outro curso/área*” (20,5%, n = 15). Destes, a maioria (17,8%, n = 13) obteve *aprovação para o ingresso no curso desejado*, seja via

vestibular, no caso de cursos de graduação, ou por outro processo de seleção para cursos de pós-graduação:

“(…) História não era prioridade de interesse. Decidi pelo curso de Artes e estou prestes a me formar (no final do ano)”. [AGL, História]

“Como eu cursava duas faculdades ao mesmo tempo e ainda fazia um curso de inglês, não foi possível conciliar os horários. E optei em continuar com a Escultura que era de maior interesse”. [CBA, Letras]

“(…) Deixei a universidade, fiz novo vestibular para Direito, passei e hoje sou advogado”. [FC, Agronomia]

“Aprovação nos vestibulares de Administração na Esag e de Direito pela Univali, nos quais me formo no fim do ano (...)” [FC, Ciências Sociais]

“(…) na mesma época, eu fazia computação na Univali (agora já me formei e estou fazendo mestrado em Engenharia de Produção)”. [LRU, Pedagogia]

“Se ‘desisti’ do retorno do curso de Letras, Francês, foi porque fui aceita no curso de Pós-graduação em Literatura”. [MDLM, Letras]

“Foi definitivo para que eu deixasse de me matricular em História, porque eu fui aprovado em Direito na Univali, instituição e curso que eu almejava”. [RG, História]

As demais respostas aparecem em percentuais inferiores a 15%, sendo quase sempre já discutidas anteriormente, em paralelo com as respostas de ocorrência mais frequente.

4.2.5 O que foi definitivo para que você deixasse seu curso?

Analogamente às duas questões anteriores, buscou-se saber se houve um motivo que mais pesou na decisão de abandonar e, ainda, se este motivo é coincidente com os citados quando do ingresso na universidade e durante o andamento curso. A **Tabela 4.6** apresenta as respostas a esta pergunta, em ordem decrescente de ocorrência. As respostas, neste caso, foram colocadas ao lado dos itens da pergunta anterior, para que se pudesse fazer uma comparação direta dos motivos de abandono.

Tabela 4.6 Respostas à pergunta: “O que foi definitivo para que você deixasse seu curso?”

Respostas	n	%*	Respostas Tab. 4.5	
			n	%*
Decepção com curso (desestímulo, desinteresse)	20	27,4%	22	30,1%
Dificuldade em conciliar estudo/trabalho	20	27,4%	17	23,3%
Interesse por outro curso/área	19	26,0%	15	20,5%
Aprovação em outro vestibular/aceitação PG	16	21,9%	13	17,8%
Dificuldade financeira	12	16,4%	9	12,3%
Dificuldade em conciliar 2 cursos/universidades	8	11,0%	6	8,2%
Dificuldade com o curso/disciplinas	5	6,8%	7	9,6%
Mudança de residência	5	6,8%	3	4,1%
Decepção com professores (desestímulo, desinteresse)	4	5,5%	8	11,0%
Problemas familiares (gravidez/casamento/filhos)	4	5,5%		
Problemas pessoais não especificados	4	5,5%	5	6,8%
Decepção com universidade (desestímulo, desinteresse)	3	4,1%	6	8,2%
Impossibilidade de transferência para curso desejado	3	4,1%	3	4,1%
Problemas de saúde	3	4,1%	2	2,7%
Baixa remuneração/reconhecimento da profissão	2	2,7%	3	4,1%
Falta de aptidão para o curso	2	2,7%	7	9,6%
Não respondeu	2	2,7%	1	1,4%
Falta de informação sobre trancamento	1	1,4%	2	2,7%
Inconsistente (resposta incompreensível)	1	1,4%	3	4,1%
Total	109	149,3%	134	183,6%

* N° respostas dividido pelo n° respondentes (73). Respostas múltiplas: total maior que 100%.

Nesta questão, a resposta mais frequente foi também “*Decepção com curso*”, que foi citada com a mesma frequência que a “*Dificuldade em conciliar estudo/trabalho*” (27,4%, n = 20). Isso significa que as pessoas em geral reforçaram suas respostas anteriores: o motivo definitivo deriva diretamente dos primeiros pensamentos relativos ao abandono.

Algumas respostas com respeito à *decepção com curso*:

“Falta de interesse meu. Só queria saber de festa e não dava valor para o meu futuro. Era uma criança que não sabia o que queria; (...)” [AB, Agronomia]

“Tomei ciência de que não era o curso que pretendia”. [FC, Agronomia]

“Quando ganhei uma bolsa e comecei a trabalhar com um computador. Fazia análise de um sistema computacional e odiava aquilo, faltando muito e odiando o serviço”. [LLDM, Engenharia Elétrica]

“Optei por fazer disciplinas em outro curso - Ciências Sociais - e logo percebi a diferença de curso. E aí me convenci da mudança, e passei a odiar Letras”. [MV, Letras]

“O que foi definitivo para deixar o curso, foi a não adaptação com este, não era o que realmente eu queria”. [PM, Geografia]

“(...) eu não me interessei mais mesmo pelo curso, e tranquei minha matrícula, para depois abandonar definitivamente. Foi a partir daí que pensei realmente em tudo o que estava acontecendo e resolvi dar um rumo à minha vida. Finalmente tive tempo para decidir o que eu realmente queria e prestei vestibular novamente, para outra universidade”. [TML, Engenharia Sanitária]

Em alguns destes respondentes, a decepção era extensiva principalmente aos *professores*:

“Não concordei com a forma de trabalho dos professores. É muito arcaica. Um professor no seu primeiro dia de aula já quis impor limites de tempo para a turma. Dava tolerância de 10 minutos para o início das aulas e passado esse tempo, ninguém mais podia entrar na sala. Ele esqueceu que ninguém era mais criança e que estávamos numa universidade e não num jardim de infância. Decepcionada com a universidade e com os professores, resolvi desistir, pois afinal eu já havia passado por uma universidade, aturado muitos problemas que por sinal nem chegam aos pés destes, pois a Udesc tem uma forma diferente de trabalho e resolvi que não queria começar novamente do zero. Então arranjei um emprego de 8 horas e penso em fazer uma Pós-graduação. (...)” [DPG, Letras]

“(...) falta de embasamento científico sólido, apresentada nas disciplinas do 1º semestre do Direito: ao invés disso, tínhamos aulas baseadas muitas vezes na tendência política do professor”. [ARS, Direito]

“Professores com um nível muito fraco e, a meu ver, pouco habilitados para lecionar em uma universidade. Sobretudo no que concerne ao departamento de Francês”. [SRD, Letras]

Algumas respostas com respeito à *dificuldade em conciliar estudo/trabalho*:

“A importância de minha presença e atuação no meu trabalho”. [MENM, Filosofia]

“Tempo disponível e a bolsa de trabalho”. [MHA, Psicologia]

“A falta de tempo para estudar, tenho uma família, na qual sou responsável pela mesma, e tudo comigo”. [PPDC, Matemática]

“Já estava trabalhando, atuando profissionalmente neste segmento e como aprendia mais na prática do que na universidade, chegado o momento de optar em dedicar o tempo para um ou para outro, pelas exigências de ambos os lados, também preferi continuar com a opção que me permitia o aprendizado e a remuneração”. [RM2, Jornalismo]

“A oportunidade de atuar como empresário em São Paulo ao lado da minha família”. [WFI, Administração]

Como na questão anterior, algumas destas respostas enfatizaram a dificuldade de encaixar os *horários de aulas com os do trabalho*, outras enfatizaram a *necessidade de trabalhar* (dificuldade financeira apareceu em 7 destas respostas), outras mencionaram ambos os aspectos:

“Foram as questões de horário no meu trabalho não encaixavam com os da faculdade”. [ALCM, Letras]

“Precisava trabalhar e o meu horário de trabalho não era compatível com o horário do curso, pois além de tudo, moro em Garopaba o que acabou dificultando ainda mais a situação”. [ES, Serviço Social]

“Período do curso que não era compatível com meu horário de trabalho”. [GFB, Matemática]

“A necessidade de trabalhar. Não consegui bolsa na época, então desisti”. [IADC, Letras]

“Financeiro e o horário”. [MHS, Química]

“Tempo, trabalho, dinheiro, dedicação - em falta”. [RDN, Letras]

“Problemas no trabalho, me impediam de chegar no horário nas aulas, conversei com os professores, alguns aceitaram me ajudar, outros disseram ser impossível”. [TA, Ciências Sociais]

Com uma frequência significativa aparece também em terceira posição (26,0%, n = 19) menção ao “*Interesse por outro curso/área*”, em sua maior parte associada à “*Aprovação em outro vestibular/aceitação PG*” (21,9%, n = 16) ou à “*Dificuldade em conciliar 2 cursos/universidades*” (11,0%, n = 8):

“(…) Passar no vestibular para administração foi definitivo pois cursava os dois cursos, Física na Federal e Administração na Univali, e percebi que Administração era o que queria seguir”. [ACC, Física]

“(…) o fato de ter sido classificada no vestibular da UNIVALI, Campus de Biguaçu, onde no momento estou cursando a 5ª fase de Direito - matutino”. [BLP, Biblioteconomia]

“A pressão psicológica de 2 cursos ao mesmo tempo; pois tinha que estudar muito, e ainda tinha que ficar bem colocado no curso da Polícia para poder permanecer na Capital; (...)” [DDS, Economia]

“(…) aprovação em dois outros vestibulares”. [FC, Ciências Sociais]

“A passagem no vestibular para o curso de licenciatura em Música”. [JDSJ, Geografia]

“A descoberta de que a minha vocação é a Contabilidade”. [KF, Computação]

“Foi definitivo para que eu deixasse de me matricular em História, porque eu fui aprovado em Direito na Univali, instituição e curso que eu almejava”. [RG, História]

Além de estar associada à dificuldade de trabalhar e estudar ao mesmo tempo, a *dificuldade financeira* aparece em cinco outras respostas como razão definitiva para o abandono, constituindo-se na quinta resposta mais freqüente (16,4%, n = 12):

“(…) por motivos financeiros, nada mais. Eu estava gostando muito do curso, foi realmente uma pena ter que deixar a faculdade”. [ACS, Letras]

“Meus pais não podiam nem tinham condições de arcar com hotel caro mesmo em outro lugar que passasse do orçamento”. [AADS, Engenharia Elétrica]

“Despejo da república onde morava com o aluguel atrasado em 3 meses”. [CJT, Administração]

“(…) a dificuldade financeira de manter 2 cursos e família naquele momento”. [DDS, Economia]

“As condições financeiras de minha família (…)” [SAG, Agronomia]

As demais respostas aparecem em percentuais inferiores a 10%, tendo sido em sua maior parte mencionadas anteriormente, conjuntamente com as respostas de maior frequência.

4.2.6 Agora (no momento de responder a este questionário) você acha que tomaria esta mesma decisão? Explique.

Neste caso, a maioria (65,6%, $n = 48$) considerou que *tomaria a mesma decisão*. A maior parte das respostas foi apenas “Sim” ou “Não”, mas alguns respondentes acrescentaram comentários, justificando a decisão, **Tabela 4.7**.

Tabela 4.7 Respostas à pergunta: “Agora (no momento de responder a este questionário) você acha que tomaria esta mesma decisão?”.

Respostas	Respostas	
	n	%
Sim	48	65,8%
Não	18	24,7%
Inconsistente (resposta incompreensível)	2	2,7%
Não respondeu	2	2,7%
Não sabe	3	4,1%
Total	73	100%

Ao se analisar a diversidade de comentários nas respostas chegou-se a uma constatação surpreendente. A questão “Agora (no momento de responder a este questionário) você acha que tomaria esta mesma decisão?”, aparentemente simples, pode levar a várias interpretações. Uma

das respostas, em particular, colocou em evidência a dificuldade de vivenciar novamente este momento de decisão:

“É difícil responder sobre uma realidade em que não se vivencia. Se você se refere a uma espécie de ‘volta no tempo’, se é que isso seja possível, tomaria a mesma decisão”. [ARS, Direito]

Em outras palavras: as pessoas mudam e a realidade em torno delas também. “No momento de responder a este questionário” pode significar, para quem responde, “a pessoa de agora envolta da realidade atual”, ou “a pessoa de agora envolta da realidade de então”, ou “a pessoa de então envolta da realidade atual”, ou, ainda, “a pessoa e a realidade tal como no passado”.

Entendendo a resposta anterior como “Sim, tomaria a mesma decisão” (como de fato foi considerada neste trabalho), a interpretação foi, neste caso, a de “volta no tempo” ou “a pessoa e a realidade tal como no passado”. Outras respostas com esta mesma conotação foram:

“Sim, tenho prioridades, e sei que devo ter tomado a melhor escolha, meus filhos precisavam muito de mim”. [MHS, Química]

“Hoje em dia eu tomaria a mesma decisão e aconselho a todos nunca fazer dois cursos de graduação ao mesmo tempo”. [RT, Letras]

Certas respostas levaram em conta uma situação externa diferente. Portanto, “a pessoa de agora envolta da realidade atual” ou “a pessoa de então envolta da realidade atual”. Exemplos típicos são aqueles que mencionam uma situação atual, especialmente financeira, diferente da do momento do abandono. Nestas condições, a decisão teria sido outra:

“Se fosse hoje, tudo mudaria, o meu pai trabalha, eu também estou trabalhando (...)”
[ACS, Letras]

“Se estivesse na mesma situação que estou hoje, continuaria”. [IADA, Geografia]

“Não. Desejaria voltar a cursar, uma vez que já estou melhor estabilizada”. [RDN, Letras]

“Provavelmente não! Quando estiver estabilizado profissionalmente e financeiramente, pretendo retornar meu sonho”. [RM, Letras]

Outras respostas indicam que a decisão de abandonar teria sido imatura ou que houve uma mudança de mentalidade ou de valores, ou seja “a pessoa mudou”, sem mencionar a realidade exterior (passada ou atual):

“Não, na época eu estava com 17 anos, e de menor idade tinha que ir com a mãe”.
[AADS, Engenharia Elétrica]

“Claro que não. Faria o possível para conciliar o trabalho com o estudo, ou largar o trabalho, que é o que farei no próximo ano. Preciso terminar logo esta faculdade”. [ALCM, Letras]

“Se estivesse ainda neste mesmo curso, sim. Agora estou bem mais madura e estou cursando Administração de Empresas em Blumenau. No meu caso, o problema foi a inexperiência na escolha do curso. Acho que se eu estivesse cursando Administração, Psicologia ou algo mais voltado a Ciências Sociais eu teria superado meus problemas pessoais, afinal não foram tão grandes assim. Hoje penso em voltar a Floripa para fazer uma pós-graduação”. [ACDA, Engenharia de Alimentos]

“Não. Porque aprendi, cresci e vi que não é um mar de rosas; e quem tem um diploma, muitas vezes tem tudo”. [AB, Agronomia]

“Não. Hoje me arrependo de não ter sacrificado um pouco mais meu tempo. E mesmo com sacrifícios ter terminado o curso de Letras Alemão também, já que o de Escultura faltava apenas uma fase”. [CBA, Letras]

“É bem provável que não, pois nada substitui um 3º grau”. [ILDS, Matemática]

“Acho que não, que lutaria para continuar. Foi muito difícil passar no vestibular, eu estava tentando pela 3ª vez. Hoje vejo as coisas com mais simplicidade. Não seria tão difícil assim tentar levar tudo com calma e terminar a faculdade. Seriam apenas 4 anos”. [TA, Ciências Sociais]

Outra resposta também coloca a questão cronológica em destaque, pontuando decisões diferentes: pessoa/realidade no passado, então decisão seria uma, pessoa/realidade no presente, então decisão seria outra:

“Quando eu estava imerso na depressão, sei que era humanamente impossível prosseguir. Eu estava sem forças, não tinha condições de ir adiante. Hoje, refeito, se pudesse voltaria ao curso para terminá-lo”. [GK, Arquitetura]

Alternativamente, quando a pessoa/realidade continua a mesma, a decisão seria a mesma:

“Infelizmente sim, pois o meu horário de trabalho ainda é o mesmo e a UFSC realmente deixou a desejar quando se trata de horários para os cursos, pois o meu curso só tinha no período matutino ou noturno e porque não vespertino?” [GFB, Matemática]

Outros ex-alunos ainda, ao invés de se colocarem em um momento em particular no espaço e no tempo, preferam fazer uma retrospectiva do período a partir do abandono para justificar a escolha que lhes pareceu mais adequada:

“Sim. Eu mantinha meus gastos, não poderia ter aprendido o que aprendi na prática se tivesse continuado estudando na universidade e me mantendo com um salário mínimo, não teria tido tempo disponível para aprender. Também teria perdido a chance de uma experiência profissional que abriu novos caminhos. Ainda não desejo retornar à universidade para a conquista de um ‘diploma’, pois considero que os cursos de qualificação dirigida são melhores opções para o meu caso”. [RM2, Jornalismo]

“Com certeza, pois a escolha do curso da UFSC foi puro impulso, por muita cobrança. Lamentei muito por deixar o Campus e meus colegas, mas eu não poderia continuar como estava, pois afinal eles estavam se dedicando ao curso, e eu estava só ‘acompanhando’ e me prejudicando com isso. Não me arrependo de ter cursado o tempo que fiquei na UFSC, pelo contrário, foi uma experiência maravilhosa que me ajudou muito na hora de escolher o certo”. [TML, Engenharia Sanitária]

“Sim. Apesar de algumas inconformidades da minha família por não ter um diploma de faculdade, outras portas se abriram, sendo que a que mais me agrada é a informática. Minha passagem pela UFSC (foi super válido) teve uma importância enorme no sentido de crescimento pessoal. Com certeza não cresceria da forma que cresci se eu estivesse morando na minha cidade natal. Continuo atuando como empresário e estou estudando formas de

entrar no ramo da informática para diversificar atividades profissionais e aumentar as chances de atingir meus sonhos”. [WFI, Administração]

4.2.7 Caso não tenha ficado algo muito claro em suas respostas, posso contatá-lo para que possamos conversar?

Um ponto marcante nas respostas a esta pergunta, Tabela 4.8a, foi o de que a grande maioria dos respondentes (83,5%, n = 61) se disponibilizou para um futuro contato para eventuais esclarecimentos acerca do questionário.

Tabela 4.8a Respostas à pergunta: “Caso não tenha ficado algo muito claro em suas respostas, posso contatá-lo para que possamos conversar?”.

Respostas	Respostas	
	n	%
Residentes em Florianópolis	40	
Sim	36	49,3%
Não	3	4,1%
Não sabe	1	1,4%
Não residentes em Florianópolis	33	
Sim	25	34,2%
Não respondeu	8	11,0%
Total	73	100,0%

Ressalte-se o fato de que mesmo os não residentes em Florianópolis, objeto inicial da questão, se dispuseram a conversar, por algum meio, o que demonstra que os respondentes atribuíram um valor importante a este trabalho de pesquisa:

“Eu não moro em Florianópolis, mas gostaria muito de contribuir com você; caso seja aceita me disponho a ir até vocês; e só me mandar uma carta com dia, hora e local e eu irei. Obrigada. Ou por telefone”. [AB, Meleiro, SC]

“Moro em São Paulo, mas estou à disposição. Pelo telefone”. [ABCDS, São Paulo, SP]

“Sim. Mesmo não residindo em Florianópolis. Se lhe interessar, mantenha contato via e-mail. Parabéns pelo trabalho e obrigada pela atenção. Estou à disposição”. [CF, Blumenau, SC]

“Moro em Itajaí, mas estou disponível para conversar, por telefone ou pelo e-mail. Se quiser também me disponho a conversar pessoalmente caso você queira vir a Itajaí, basta marcar um horário. Espero que minhas respostas possam lhe ajudar. (...)” [LLDM, Itajaí, SC]

“Estou morando em Balneário Camboriú, vou à Floripa, mas tenho telefone lá. Pelo telefone ou pelo e-mail”. [LAN, Lages, SC]

“Não resido em Florianópolis, mas estou disponível. Pelo telefone ou endereço residencial”. [SAG, Tijucas, SC]

“Eu estou de volta pra casa dos meus pais em Goiânia. Qualquer pergunta específica, fique livre para me contatar no meu e-mail”. [TSG, Florianópolis, SC]

Das três pessoas (de um total de 40) residentes em Florianópolis que não se dispuseram a conversar, duas alegaram absoluta falta de tempo:

“Chego em casa só depois das 23 horas. Impossível”. [MHA, Florianópolis, SC]

“Infelizmente meu tempo é curto, trabalho e faço Computação em outra universidade”. [SPDLV, Florianópolis, SC]

Uma terceira não respondeu diretamente na folha do questionário, mas escreveu em um folheto à parte. Neste caso, pode-se notar um certo constrangimento do respondente por ter sido identificado como aluno-abandono:

“Não sei se eu me enquadro no perfil da sua pesquisa. Acredito que não, uma vez que sou desistente de retorno e não de concurso. Agradeço imensamente se não me incluíres na sua”. [IADC, Florianópolis, SC]

O meio escolhido pela maioria dos respondentes disponíveis para conversar foi o telefone (64,4%, n = 47), **Tabela 4.8b**. Cerca de metade dos respondentes (46,6%, n = 34) colocou o e-mail a disposição para eventuais esclarecimentos.

Tabela 4.8b Respostas à pergunta: “Em caso afirmativo, por que meio?”.

Respostas	n	%*
Telefone	47	64,4%
E-mail	34	46,6%
Endereço residencial	12	16,4%
Total*	93	127,4%

* N° respostas dividido pelo n° respondentes (73). Respostas múltiplas: total maior que 100%.

Apesar da disponibilidade da grande maioria dos respondentes em conversar e das importantes contribuições que surgiriam destes contatos, foi impossível fazê-lo dentro do período proposto para conclusão do trabalho de pesquisa. A análise e interpretação dos questionários demandaram um esforço e um tempo maior do que o planejado inicialmente.

4.3 Proposta de Perfis de Comportamento

Nesta etapa, procurou-se identificar pontos em comum no discurso dos respondentes que justificassem um determinado tipo de comportamento em relação a expectativa de finalizar o curso universitário escolhido. Ao contrário da análise individual, onde as perguntas/respostas foram consideradas isoladamente, nesta etapa foram analisados o contexto, as ênfases, as repetições, a lógica das perguntas/respostas ao longo do tempo. O objetivo é que, com a definição de um perfil ou modelo, se possa avaliar, durante a prática de orientação profissional, qual a tendência de um aluno a permanecer em um curso universitário ou desistir dele. Assim, o orientador profissional poderá guiar suas ações de aconselhamento/facilitação a partir de informações contextuais que indiquem um comportamento mais provável.

Propõe-se que existam três perfis básicos nos quais se pode identificar um aluno-abandono, **Tabela 4.9**:

Tabela 4.9 Perfil de comportamento de alunos-abandono na UFSC.

Perfil	Fatores de influência na escolha do abandono			Decisão de abandonar
	Indivíduo	Ambiente UFSC	Ambiente Externo	
	<i>Interesse, aptidão, expectativa</i>	<i>Curso, disciplinas, professores, instituição</i>	<i>Condição sócio-econômica, família, saúde</i>	
1	+	+	-	Sim
2	+	-	Ø ou -	Não
3	-	Ø ou -	Ø ou -	Não

Legenda: + (positivo), - (negativo), - (negativo de menor intensidade), Ø (indiferente, neutro)

As diferenças de comportamento estão baseadas em características individuais, do ambiente interno da UFSC e das condições exteriores a esta instituição. Assim, um indivíduo que tenha manifestado um interesse ou aptidão pelo curso escolhido e que, conseqüentemente, tenha também uma expectativa positiva em relação ao curso superior é referido na tabela como “+”; caso contrário, “-”. Analogamente, um ambiente universitário (nele incluído a infraestrutura da UFSC, seus professores, e principalmente as características particulares de cada curso) pode ser, do ponto de vista do aluno pesquisado, positivo (“+”) ou negativo (“-”), ou ainda indiferente ou neutro (“Ø”). Por fim, o ambiente externo pode apresentar dificuldades adicionais ao aluno, impondo restrições financeiras, ou apresentando casualidades como problemas familiares ou de saúde, sendo neste caso ser negativo (“-”), ou, quando estas dificuldades inexistam, neutro ou indiferente (“Ø”). A decisão de abandonar o curso iniciado ou, expresso de outra maneira, o desejo de continuar o curso interrompido, pode se determinar, de acordo com o Perfil proposto, a partir da combinação destes fatores.

Os aspectos negativos receberam, ainda, uma gradação, de acordo com a relevância da influência, manifestada no discurso do aluno-abandono, em negativo (“-”) ou negativo de menor intensidade (“-”). Esta última gradação é, portanto, intermediária entre a ausência de influência do fator considerado (“Ø”) e a ocorrência de uma influência definitiva negativa.

Para fins didáticos, os três Perfis serão referidos na seqüência por expressões abreviadas: “*ambiente externo*” (perfil 1); “*ambiente UFSC*” (perfil 2); “*indivíduo*” (perfil 3), ressaltando o aspecto que foi definitivo na escolha do abandono. A **Tabela 4.10** apresenta um resumo quantita-

tivo da ocorrência dos perfis dentre os alunos que responderam o questionário, com base na análise qualitativa do discurso das respostas.

Tabela 4.10 Frequência de ocorrência de perfil de comportamento de alunos-abandono na população pesquisada.

Perfil (fator definitivo)	Fatores de influência na escolha do abandono			Decisão de abandonar	Respostas	
	Indivíduo	Ambiente UFSC	Ambiente Externo	Continuaria o curso?	n	%
Ambiente Externo	+	+	-	Sim	28	38,4%
Ambiente UFSC	+	-	Ø ou -	Não	9	12,3%
Indivíduo	-	Ø ou -	Ø ou -	Não	33	45,2%
Outros	-	Ø ou -	Ø ou -	Sim	3	4,1%
Total					73	100,0%

O perfil mais freqüente no grupo analisado foi o fator “indivíduo” como dominante na escolha (45,2%, n = 33). Isso significa que, desde o momento do ingresso, não havia um interesse relevante por parte do aluno pelo curso. O perfil “ambiente externo”, cuja ocorrência foi a de segunda maior freqüência (38,4%, n = 28), corresponde ao grupo de alunos que, apesar do interesse inicial pelo curso, sofreu uma influência externa marcante que o levou ao abandono. Em menor freqüência (12,3%, n = 9), aparecem os fatores ligados à própria estrutura da UFSC, que desmotivaram o aluno inicialmente interessado. Tais perfis serão discutidos mais detalhadamente a seguir.

Apenas três respostas (4,1%, n = 3) não se enquadraram nos perfis propostos. Nestes respondentes, percebe-se uma certa contradição nos discursos: apesar da ausência de um interesse maior pelo curso em questão, os ex-alunos se mostraram arrependidos da escolha do abandono, manifestando o desejo de ter continuado o curso abandonado:

“A escolha foi como segunda opção. (...) Como eu cursava duas faculdades ao mesmo tempo e ainda fazia um curso de inglês, não foi possível conciliar os horários. E optei em

continuar com a Escultura que era de maior interesse. Não [deixaria o curso hoje]⁴. Hoje me arrependo de não ter sacrificado um pouco mais meu tempo. E mesmo com sacrifícios ter terminado o curso de Letras Alemão também, já que o de Escultura faltava apenas uma fase”. [CBA, Letras]

“Meu sonho era fazer ‘Jornalismo’, tentei da primeira vez que fiz um vestibular, mas não consegui. No ano seguinte, escolhi História como um trampolim para fazer Jornalismo. (...) Não [deixaria o curso hoje]”. [LA, História]

“Como minha mãe é agricultora, o sonho dela era ter um filho Agrônomo e eu fui a premiada e fui iludida a fazer este curso, só que eu não queria, então me encheu de promessas até que eu aceitei. Pensei que eu iria aprender a gostar, mas não aconteceu. (...) [O que foi definitivo para que eu deixasse o curso foi a] falta de interesse meu. Só queria saber de festa e não dava valor para o meu futuro. Era uma criança que não sabia o que queria; mas um dia eu iria voltar, nem que para isso tenho que passar fome. Não [deixaria o curso hoje]. Porque aprendi, cresci e vi que não é um mar de rosas; e quem tem um diploma, muitas vezes tem tudo”. [AB, Agronomia]

4.3.1 Perfil 1: Ambiente Externo

Neste perfil, num primeiro momento, o que ocorre é um interesse do aluno pelo curso, uma expectativa positiva em relação à sua conclusão e a possibilidade de exercer a carreira escolhida. Em algum momento durante a graduação, o fator externo é preponderante na escolha do abandono. Neste caso, o aluno que abandonou a universidade continuaria o curso, caso as condições externas lhe fossem favoráveis.

Exemplos comuns são aqueles que envolvem o *aspecto financeiro*, ou seja, a dificuldade de se manter:

“[Fiz vestibular para este curso] porque eu gosto muito de Português, o campo de trabalho nesta área também é amplo, e a profissão me fascina. Eu achava a melhor coisa do mundo, estar cursando um curso superior, adorava ir para a faculdade todos os dias, eu tinha muitos sonhos, de fazer uma pós-graduação pensei até num possível doutorado em Letras. Não sou de família rica, na época só a minha mãe estava trabalhando, eu tinha que

⁴ Os textos entre colchetes nas citações correspondem a uma complementação do discurso para facilitar a compreensão ao leitor.

pagar aluguel e o ônibus todos os dias, tentei várias vezes conseguir um emprego, mas era muito difícil, minha mãe ganhava pouco e não dava para manter as duas coisas eu e a casa onde moram. Mas se tudo correr bem ainda voltarei a fazer o curso. (...)” [ACS, Letras]

“(...) Era o sonho ser engenheiro elétrico. Formado pela UFSC. [Minhas expectativas eram] estudar até o fim, formar, trabalhar, (...) Não achei lugar bom, digno e barato para eu ficar. As hospedagens aí são caras e quando se acham baratas são indignas de se morar. Meus pais não podiam nem tinham condições de arcar (...) o orçamento. Não [deixaria o curso hoje]. (...)” [AADS, Engenharia Elétrica.]

“(...) eu me identificava por falar muitas línguas e trabalhar na área. [Minhas expectativas eram] crescimento pessoal e profissional. [O que ocorreu para que eu começasse a pensar em deixar a universidade foi a] necessidade de dedicação ao trabalho. (...) Não [deixaria o curso hoje]. Desejaria voltar a cursar, uma vez que já estou melhor estabilizada. [RDN, Letras]

As questões familiares, quase sempre aliadas às financeiras, apareceram em várias respostas, visto que muitos alunos eram também responsáveis (ou co-responsáveis) pela manutenção de sua família:

“Eu sempre achei nutrição um curso muito interessante e também importante para o conhecimento humano. [Minhas expectativas eram] pelo menos conseguir concluir o curso e trabalhar na área. (...) [O que foi definitivo para que eu deixasse o curso foi], primeiramente, porque casei e tive filhos e depois por ter que trabalhar na minha loja e do meu marido, com isso não deu para conciliar os estudos (que eram em tempo integral). (...) Acredito que se eu tivesse insistido um pouco no curso, eu teria concluído e hoje já estaria (acho) no mercado de trabalho. Se eu soubesse que muita coisa iria dar errada, eu não teria deixado o curso, pois no pior dos piores já teria concluído um curso superior”. [CRH, Nutrição]

“A expectativa era de estudar e me formar, a fim de que, com nível superior, poderia melhorar minha situação, pessoal, financeira e ter mais experiência de vida. Ocorreu que eu era soldado da Polícia Militar e passei para fazer curso de Sargento que era o dia inteiro; estava recém casado e minha esposa estava grávida, sendo que, somado a isso, meu salário

não era bom e tinha vários gastos com os dois cursos; um o dia todo e o outro a noite. [O que foi definitivo para que eu deixasse o curso foi] a pressão psicológica de 2 cursos ao mesmo tempo, pois tinha que estudar muito, e ainda tinha que ficar bem colocado no curso da Polícia para poder permanecer na Capital; a dificuldade financeira de manter 2 cursos e família naquele momento. (...) melhorei a minha situação, garantindo o meu lado profissional e através disso poderei ainda voltar e seguir com mais tranquilidade o meu objetivo de fazer um curso superior”. [DDS Economia]

“[Minhas expectativas eram] de ter uma profissão voltada na área de laboratórios, pesquisas. Tive contratempos nos horários, e o meu financeiro falou mais alto, tenho 2 filhos e dependendo unicamente do meu trabalho (salário). E não estava tendo muito tempo para me dedicar aos estudos. (...) tenho prioridades, e sei que devo ter tomado a melhor escolha, meus filhos precisavam muito de mim”. [MHS, Química]

Outros alunos citaram a *mudança de residência* para outra cidade, associada muitas vezes à oportunidade de entrar no *mercado de trabalho*:

“(...) Achei interessantes desde as disciplinas do curso até as aplicações como profissional. Também notei que a área de atuação vem crescendo para esse profissional. Realmente gostei, tanto que ainda hoje, faço Engenharia (porém, Química) na FURB. Mas pretendo me especializar na área que estudava anteriormente (Alimentos). (...) Eu acabei fazendo um Concurso Público para a FURB (Fundação Universidade Regional de Blumenau), passei e fui chamada para trabalhar com um salário muito bom, 70% da faculdade paga e mais benefícios. Como na UFSC as aulas ocupam dois turnos, ficaria muito difícil trabalhar em Florianópolis. Pensei bem (foi uma decisão difícil), e resolvi vir para Blumenau trabalhar na FURB (Biblioteca) e cursar Engenharia Química aqui mesmo. Assim estaria inclusive ajudando financeiramente os meus pais. Visto que o horário de aulas da UFSC não mudou, tomaria esta mesma decisão. Somente não deixaria o curso se tivesse a chance de trabalhar em Florianópolis”. [CF, Engenharia de Alimentos]

“Sempre gostei do contexto pelo mesmo apresentado, podemos estar em várias áreas ao mesmo tempo, geologia, geomorfologia, etc. [Minhas expectativas eram] ampliar o conhecimento em diversas áreas. (...) Me transferi para Curitiba, onde mora a minha família.

Caso isso não ocorresse estaria terminando o mesmo na universidade aí. Pretendo me formar e talvez fazer mestrado na área ambiental aí”. [EG, Geografia]

“[Fiz vestibular para este curso pela] minha aptidão para criar projetos; minha criatividade de maneira geral; meu conhecimento de desenho livre. Eu tinha a expectativa de me tornar um Arquiteto. (...) [O que foi definitivo para que eu deixasse o curso foi que] fui transferido para Vitória/ES para criar um Sindicato da minha categoria profissional e, infelizmente não consegui transferência para a UFES. (...) Quando retornei a Florianópolis, tentei o retorno, já era tarde. (...)” [JAA, Arquitetura]

A questão de *saúde* também pode ser citada como um fator externo que levou ao abandono:

“Minha vocação sempre foi evidente. Sempre demonstrei preferência pelo curso de Arquitetura, apesar de ter problema de deficiência visual, só superado recentemente, aos 31 anos. [Minhas expectativas eram] formar-me como arquiteto, apesar do problema de deficiência visual, e constituir carreira como tal. [O que ocorreu para que eu começasse a pensar em deixar a universidade] foi um conjunto de fatores: minha última cirurgia nos olhos que foi muito dolorosa; complicações de um acidente: cirurgias, imobilidade...; doença terminal e a morte de meu pai; morte de meu colega de trabalho e de sua família em um acidente; término de relacionamento amoroso. Tudo se somou, e me causou uma profunda crise depressiva. A decisão de abandonar o curso ocorreu no auge da depressão. Quando eu estava imerso na depressão, sei que era humanamente impossível prosseguir. Eu estava sem forças, não tinha condições de ir adiante. Hoje, refeito, se pudesse voltaria ao curso para terminá-lo”. [GK Arquitetura]

“Desde pequena freqüentei curso de Inglês, lia gibis em Inglês, assistia a filmes. Depois, lecionei inglês por alguns anos. Com toda esta facilidade no meu aprendizado, me apaixonei pelo idioma. [Minhas expectativas eram] ótimas, pois desta vez iria obter o diploma de nível superior, (...) Em nenhum momento pensei em deixar a universidade. Meus professores, a metodologia, a didática, o material usado, eram excelentes. Eu estava na 5ª fase e no 2º mês de gravidez, quando tive descolamento da placenta, e risco de perder o bebê. Então a médica me disse para ficar em repouso. (...) (...) Agora estou retornando para o meu curso. Foi tudo por motivo de saúde. (...)” [MVDC, Letras]

4.3.2 Perfil 2: Ambiente UFSC

Neste caso, apesar do interesse inicial do aluno pelo curso, e da expectativa positiva em relação à sua conclusão e a possibilidade de exercer a carreira escolhida, a partir de algum momento durante a graduação, algum fator interno da instituição foi definitivo na opção pelo abandono. O aluno que abandonou o curso por algum motivo desta classe tomaria a mesma decisão novamente.

Alguns alunos detalham problemas do curso, incluindo *questões curriculares e didáticas*:

“[Fiz vestibular para este curso pela] possibilidade de contato humano no sentido de auxiliar as pessoas a superarem suas dificuldades e o entendimento filosófico do conceito de justiça aplicado às sociedades, em especial a nossa realidade. [Minhas expectativas eram de] um curso metodologicamente integrado, com embasamento científico sólido, oportunidades de pesquisa e extensão, e discussões sociais e políticas a respeito da sociedade brasileira, (...) [O que ocorreu para que eu começasse a pensar em deixar a universidade] foi a falta de integração entre as disciplinas, alguns professores extremamente antididáticos e aulas no estilo ‘colégio’, cobrando memorização de conceitos hoje já superados. (...) (...) tínhamos aulas baseadas muitas vezes na tendência política do professor. É difícil responder sobre uma realidade em que não se vivencia. Se você se refere a uma espécie de ‘volta no tempo’, se é que isso seja possível, tomaria a mesma decisão [deixaria o curso hoje]”.
[ARS, Direito]

“Sempre gostei de Espanhol (paixão). Optei pois esperava um curso dinâmico e que atendessem minhas perspectivas. Quando iniciei o curso, logo percebi que não era o que eu esperava e foi difícil prosseguir, me sentia totalmente desestimulada. Minhas expectativas eram realizar-me pessoalmente. [O que ocorreu para que eu começasse a pensar em deixar a universidade foi] o ambiente, o pessoal, o curso em si. Optei por fazer disciplinas em outro curso, Ciências Sociais, e logo percebi a diferença de curso. E aí me convenci da mudança, e passei a odiar Letras. Com certeza [deixaria o curso hoje], só que não levaria tanto tempo e nem ouviria a opinião dos outros”. [MV, Letras]

“Já aos 15 anos, eu havia definido que trabalharia na área da comunicação, por aptidões reveladas com a linguagem escrita. Mais tarde, ainda no 2º grau, senti que seria mesmo a escolha mais adequada para o meu perfil, já que a profissão permitiria a contribuição para o desenvolvimento cultural da sociedade, pois começava a me envolver com atividades

culturais. [Minhas expectativas eram] aprender, aprender, aprender e discutir sobre a sociedade, suas carências e o que a comunicação social poderia fazer para melhorar o quadro social brasileiro, e como poderiam surgir novos meios de comunicação social. Quanto a este último item, houve a primeira decepção, pois a formação do curso era voltada para o mercado dos veículos tradicionais, sem estimular novas discussões. Como não almejava desempenhar a atividade junto a estes grandes veículos, no estado ou fora, também foi um fator para qual abandonei o curso. [O que ocorreu para que eu começasse a pensar em deixar a universidade foi] o desestímulo causado por aulas teóricas, que sentia muito distantes da realidade e com tendências ideológicas que considerava inconvenientes. (...) Sim, [deixaria o curso hoje]. (...) Ainda não desejo retornar à universidade para a conquista de um 'diploma', pois considero que os cursos de qualificação dirigida são melhores opções para o meu caso". [RM2, Jornalismo]

Outros alunos citaram problemas de *infraestrutura da universidade*, incluindo ambiente de aula e questões burocráticas administrativas, além dos problemas inerentes ao curso em si:

"Gosto da profissão. Achava que eu tinha o perfil. (...) Eu pensava que teríamos laboratórios 'simples' mas limpos, legais, organizados... Os professores seriam inteligentes, 'sumidades', eu pensei... [O que ocorreu para que eu começasse a pensar em deixar a universidade foi] muita bagunça, salas sujas, professores desanimados, muita gente fumando maconha, fumando na sala de aula. Não gostava do jeito que os professores abordavam as matérias. Muitas vezes de forma tendenciosa. (...) Eu fui tão mal recebida e tratada que não gostaria de voltar para aquelas salas. Pode ser ridícula esta observação, mas me senti desrespeitada pela UFSC no que diz respeito à qualidade do ambiente em que fui jogada! Agora tenho bem mais resistência a isto, mas na época foi um choque". [CDOH Jornalismo]

"(...) resolvi pedir retorno para um curso que envolvesse gramática, que eu sempre gostei muito. [Minhas expectativas eram de] que o tema das aulas envolvesse leitura de textos, correção, línguas, enfim, que exercitasse bastante a nossa língua; mas quando entrei, descobri que só ia ter gramática lá pela 4ª fase. (...) me decepcionei muito com a maneira como fomos recebidos no primeiro dia de aula. Não havia sala disponível para a turma

pois o prédio estava em reforma e fomos colocados numa sala de vídeo que mais parecia um cubículo. Na terceira aula é que foram descobrir que havia sim uma sala disponível para a turma, mas não haviam se dado só trabalho de verificar isso antes. Depois em outra disciplina, a sala ficou superlotada, com o dobro de alunos que tinha, tendo até alunos sentado com a carteira do lado de fora da sala, sendo este excedente a maioria repetentes. Achei um desrespeito da universidade para com os alunos, superar o limite de alunos por turma, só para não ter que contratar outro professor. Não concordei com a forma de trabalho dos professores. É muito arcaica. Um professor no seu primeiro dia de aula já quis impor limites de tempo para a turma. Dava tolerância de 10 minutos para o início das aulas e passado esse tempo, ninguém mais podia entrar na sala. Ele esqueceu que ninguém era mais criança e que estávamos numa universidade e não num jardim de infância. Decepcionada com a universidade e com os professores, resolvi desistir, pois afinal eu já havia passado por uma universidade, aturado muitos problemas que por sinal nem chegam aos pés destes, pois a UDESC tem uma forma diferente de trabalho e resolvi que não queria começar novamente do zero. (...) Sim, sem dúvida, [deixaria o curso hoje] (...)” [DPG, Letras]

“[Fiz vestibular para este curso pelas] possibilidades de trabalho na área que gosto. [Minhas expectativas eram de] obter formação a fim de garantir meu futuro fazendo algo de que gosto. Na realidade não deixei a universidade. Residia e estudava na PUC - Uruguaiana quando meu pai foi transferido para cá. Pedi transferência para UFSC na 7ª fase e obtive, mas era tudo diferente em termos de currículo então cancelei a transferência e voltei para a PUC a fim de concluir o meu curso. Findo o curso e graduada vim morar em Florianópolis. Desisti da UFSC por seus entraves burocráticos. Embora tenho cursado em minha universidade as mesmas cadeiras mas com nomenclaturas diferentes era difícil obter o aproveitamento. E naquela época aluno transferido só tinha direito à vaga depois que todos os alunos regulares estivessem matriculados e sobrasse vaga. Me lembro de fazer matrícula em doze matérias utilizando-me de todos os turnos disponíveis e só consegui vaga em 3 delas. Neste passo era mais fácil e rápido fazer vestibular novamente. Com certeza! [deixaria o curso hoje]”. [GPM, Direito]

4.3.3 Perfil 3: Indivíduo

Neste perfil, não havia de antemão um interesse maior do aluno pelo curso e, por conseguinte, pouca ou nenhuma expectativa positiva em relação à sua conclusão. A partir de algum momento durante a graduação, houve uma mudança de interesse que ocasionou o abandono. O aluno que deixou a universidade nestas condições não se arrepende de sua decisão.

Exemplos típicos são os de alunos admitidos em curso como *segunda opção*:

“[Fiz vestibular para este curso como] segunda opção. A primeira era Engenharia de Automação. Não tinha nenhuma expectativa a longo prazo. O curso não correspondia com meu perfil. Deixei o curso no primeiro semestre. Passar no vestibular para Administração foi definitivo pois cursava os dois cursos Física na Federal e Administração na Univali e percebi que Administração era o que queria seguir. Com certeza [deixaria o curso hoje]”. [ACC, Física]

“[Não tinha] quase nenhuma [expectativa], pois era a 2ª opção e iria cursar somente até o próximo vestibular pra Direito. (...) Sim, tomaria a mesma decisão, afinal eu desisti de Geografia porque eu não gostava, era apenas uma faculdade de 2ª opção”. [CR, Geografia]

“Eu fiz para Computação e Pedagogia foi a minha segunda opção só porque eu sabia que era impossível não passar, e eu estava interessado em ter as facilidades do aluno da UFSC, como biblioteca, laboratórios. (...) na mesma época, eu fazia computação na Univali (agora já me formei e estou fazendo mestrado em Eng. Produção). Eu não tinha o mínimo interesse no curso em questão e estava ‘estourando’ todas as faltas possíveis. Sim [deixaria o curso hoje]”. [LRU, Pedagogia]

“[Fiz vestibular para este curso como] 2ª opção mais ligada a minha 1ª opção que era Medicina. (...) como passei em Fisioterapia na Udesc e Farmácia na Unisul, optei pela Udesc e ali arrumei uma bolsa de trabalho, dificultando assim horários para frequentar a UFSC. Sim [deixaria o curso hoje]. (...) Hoje estou formada, sou professora da Udesc e trabalho em duas clínicas. Graças a Deus”. [MHA, Psicologia]

“[Fiz vestibular para este curso como] minha segunda opção, queria fazer algum curso e este como segunda opção sobrava vaga. (...) [O que ocorreu para que eu começasse a pensar em deixar a universidade foi que] passei para o curso que desejava realmente fazer.

(...) Sim [deixaria o curso hoje]. Pois agora faço o curso que realmente almejo como profissão”. [RB, Física]

Outros alunos tinham *expectativa de transferência* para o curso desejado. Quando este objetivo se mostrou difícil ou quando o aluno foi admitido em outra universidade no curso desejado, houve o abandono:

“[Fiz vestibular para este curso como] tentativa de através dele conseguir transferência para o curso de Direito, ou pelo menos, adiantar algumas disciplinas uma vez que com a graduação, completa, em Psicologia, não conseguia. [O que ocorreu para que eu começasse a pensar em deixar a universidade foi] (...) o currículo não ser favorável ao curso de Direito e a transferência ser quase impossível (...) Embora o curso de Biblioteconomia seja muito interessante, tendo me dado novos conhecimentos, a ponto de me ajudar no curso que atualmente frequento, faria tudo de novo, ou seja, tomaria a mesma decisão”. [BLP, Biblioteconomia]

“Este curso teria sido minha 2a. opção, sendo a primeira, Direito. [Minhas expectativas eram] eliminar o maior número de matérias compatíveis com o curso de Direito, para, quando fosse aprovado para tal, pudesse validar tais matérias. [O que foi definitivo para que eu deixasse o curso foi] a aprovação nos vestibulares de Administração na Esag e de Direito pela Univali, nos quais me formo no fim do ano e já sou graduado, respectivamente, e ainda, a não compatibilidade de interesses do curso que fora deixado; (...) Com toda a certeza, sim [deixaria o curso hoje]”. [FC, Ciências Sociais]

“[Fiz vestibular para este curso por] um baixo índice de candidatos, uma oportunidade de começar um curso superior, conhecer o funcionamento da universidade, além do crescimento cultural. (...) [O que ocorreu para que eu começasse a pensar em deixar a universidade foi] que realmente o curso e eu não nos dávamos bem. E comecei a faltar aulas para estudar para o vestibular de Música na UDESC. [O que foi definitivo para que eu deixasse o curso foi] a passagem no vestibular para o curso de licenciatura em Música. Sim [deixaria o curso hoje]”. [JDSJ, Geografia]

Muitos alunos admitidos em segunda opção ou para o segundo semestre *nem sequer chegaram a assistir* as primeiras aulas antes de abandonar o curso:

“Fiz matrícula para o curso de História, período noturno, mas não cheguei a ir às aulas. Na verdade, fiz para Arquitetura, com segunda opção em História. Quando me chamaram, fiz a matrícula mas, em seguida, prestei vestibular para Ed. Artística na Udesc e resolvi cursar lá, visto que Artes estava mais para o meu interesse do que História.(...) História não era prioridade de interesse. Decidi pelo curso de Artes e estou prestes a me formar (no final do ano). Talvez fizesse História, mas uma complementação na área de Artes. O problema é que a maioria dos cursos nessa área é Licenciatura. Como não me atrai muito a possibilidade de regência, fica difícil fazer um curso de 4, 5 anos que atenda matérias pedagógicas, tirando espaço de outras matérias de meu real interesse. [[AGL, História]

“Quando soube que havia passado para o curso de Farmácia Análises Clínicas na UFSC, já frequentava o Curso de Psicologia na Univali. Não pensava mais em largar a faculdade de Psicologia. Fui fazer minha inscrição na UFSC mas não compareci. (...) não cheguei a frequentar nenhuma aula. Não conheci nem o prédio onde funcionava o curso de Farmácia. (...) [O que foi definitivo para que eu deixasse o curso foi] o ingresso em outro curso em outra universidade”. [CS, Farmácia]

“Fiz vestibular para Computação e passei para a metade do ano. Como experiência, comecei no início do ano o curso de Ciências da Contábeis, na minha cidade, gostei e resolvi ficar. [Fiz vestibular para este curso pela] afinidade com tudo o que se relaciona a computadores. Mas descobri que a contabilidade é mais importante e mais forte para mim. Eu não cursei nenhuma aula. Eu não deixei propriamente a universidade, porque eu nem ingressei nela. [O que foi definitivo para que eu deixasse o curso foi] a descoberta de que a minha vocação é a contabilidade. Sim, com toda a certeza [deixaria o curso hoje]”. [KF, Computação]

“Somente fui aprovado no vestibular para Bacharelado em História, e nem cheguei a matricular-me no curso. Esta foi a minha segunda opção no vestibular, inscrevendo-me para o caso de não ser aprovado em Direito, e poder a posteriori validar algumas matérias. (...) Foi definitivo para que eu deixasse de me matricular em História, porque eu fui aprovado em Direito na Univali, instituição e curso que eu almejava. Sim, refaria tudo”. [RG, História]

Alguns respondentes *esperavam que o interesse pelo curso surgisse* ao longo do tempo, o que não ocorreu. Nestes casos, houve quase sempre uma influência de terceiros na escolha do curso.

“[Minhas expectativas eram de] que pudesse vir a gostar. [O que ocorreu para que eu começasse a pensar em deixar a universidade foi] (...) a vontade de cursar Direito; cheguei à conclusão de que não superaria ficar várias horas num hospital vendo tantas pessoas sofrendo da forma que sofrem. Sem dúvida [deixaria o curso hoje]”. [APP, Enfermagem]

“[Minhas expectativas eram] gostar do curso, e trabalhar com isso. Mas depois percebi que não era aquilo que queria. Me desmotivei por causa das matérias, e pela distância de um Campus para o outro. As matérias em um mesmo dia aconteciam em lugares diferentes, com pessoas diferentes. Não gostei. Queria uma faculdade mais estável. (...) Sim, tomaria a mesma decisão”. [Agronomia, MCM]

Outros respondentes constataram que, de fato, *não tinham aptidão* para o curso escolhido:

“[Fiz vestibular para este curso] porque eu gostaria de trabalhar na televisão. Minha expectativa era de que eu conseguiria vencer as dificuldades da batalha que é ser repórter. [O que ocorreu para que eu começasse a pensar em deixar a universidade foi] a exigência do curso, e a dificuldade de fazer reportagem. Me dava um branco na hora de fazer as perguntas da entrevista, ou seja, o meu pensamento embaralhava na hora de entrevistar e depois, na hora de voltar para a sala para redigir a matéria eu não conseguia ter dados suficientes para formar uma matéria mínima (40 linhas, por ex.). Sim. Deixaria o curso novamente”. [ACV, Jornalismo]

“Até o último momento, eu ainda estava indecisa sobre qual curso eu iria escolher. Eu só sabia que gostava de Ciências Exatas. Portanto, fui até o Guia do Estudante e comecei a ver as seções de Engenharia. Achei interessante Eng. de Alimentos, pois em minha visão era uma Engenharia mais *light*. Eu pensei que o curso fosse mais prático e com menos matérias básicas como matemática, física, estatística, etc. Comecei a reprovar nas disciplinas e eu toda vida fui uma pessoa que sempre passou direto na escola e isso começou a

me desmotivar. (...) Se estivesse ainda neste mesmo curso, sim [deixaria o curso hoje]. Agora estou bem mais madura e estou cursando Administração de Empresas em Blumenau. No meu caso, o problema foi a inexperiência na escolha do curso. (...)” [ACDA, Engenharia de Alimentos]

Alguns respondentes *demonstraram uma falta de orientação profissional* e buscaram (às vezes, ainda buscam!) uma definição:

“[Minhas expectativas eram] poucas e confusas. Na verdade, eu buscava uma definição sobre o que fazer. Verifiquei que o curso não era o que pensava. Deixei a universidade fiz novo vestibular para Direito passei e hoje sou advogado. (...) Sim [deixaria o curso hoje]”. [FC Agronomia]

“Eu por mim não faria nada, e como tinha que escolher algum deles, escolhi Elétrica por ser um dos melhores do Brasil, na UFSC e também por eu ter facilidade em Matemática e Física. Não tinha expectativas. Eu não tinha ânimo algum para estudar os conteúdos, tanto que apesar de sempre passar em tudo nunca me dediquei realmente ao curso. [O que ocorreu para que eu começasse a pensar em deixar a universidade foi] quando ganhei uma bolsa e comecei a trabalhar com um computador. Fazia análise de um sistema computacional e odiava aquilo, faltando muito e odiando o serviço. Sim [deixaria o curso hoje]. Apesar das conseqüências psicológicas de se abandonar um curso sejam horríveis e muito angustiadas”. [LLDM, Engenharia Elétrica]

“Eu estava (ainda estou) completamente sem saber o que eu realmente quero fazer. Achei interessante. Não fazia idéia do que me esperava. Não me adaptei. No 1º semestre passei um apenas 1 matéria. No 2º semestre, passei em duas, e continuaria cursando apenas a 1ª fase no próximo semestre. (...) Sim, eu tomaria [a mesma decisão de deixar o curso] pelos mesmos motivos”. [SAG, Agronomia]

“A pressão para que eu passasse no vestibular era muito grande, e eu ainda não havia decidido o que realmente queria fazer. Pensei por muito tempo, mas não consegui ver-me apta para decidir com precisão. De qualquer forma, eu teria que escolher algum curso, pois o vestibular estava chegando. Foi uma decisão praticamente impensada, pois este foi o curso que eu tinha certeza que conseguiria passar. Quando ingressei na universidade até

me senti estimulada a realmente me dedicar ao curso, devido ao ambiente universitário e a turma em que eu estava. Com o passar do tempo, porém, vi que não era isso que eu queria, que não adiantava eu levar o curso de 'qualquer jeito' somente por causa da turma, que era maravilhosa. Eu estava perdendo meu tempo... Vi que realmente o curso não tinha nada a ver comigo, apesar de eu achá-lo muito interessante e promissor. Perdi um pouco do ânimo por causa de certos professores, mas o motivo real mesmo é porque não consegui 'me encontrar' dentro do curso. Cheguei a ponto de ir para a universidade apenas por ir, pois já não me dedicava mais a nenhuma disciplina. (...) Com certeza [deixaria o curso hoje], pois a escolha do curso da UFSC foi puro impulso, por muita cobrança. Lamentei muito por deixar o Campus e meus colegas, mas eu não poderia continuar como estava, pois afinal eles estavam se dedicando ao curso, e eu estava só 'acompanhando' e me prejudicando com isso. Não me arrependo de ter cursado o tempo que fiquei na UFSC, pelo contrário, foi uma experiência maravilhosa que me ajudou muito na hora de escolher o certo". [TML, Engenharia Sanitária]

Através de uma triagem, o orientador poderá identificar o perfil do aluno que busca orientação. Definindo o perfil do aluno, é possível fazer um trabalho mais direcionado e preventivo, para auxiliar em sua escolha.

5 Conclusões

Respondendo à questão central de pesquisa deste trabalho, “Qual a percepção dos alunos sobre o seu abandono dos cursos de graduação da UFSC no ano de 1997?”, chega-se à conclusão de que não há uma resposta simples, mas um conjunto de fatores inter-relacionados que justificam a decisão de abandonar a universidade.

Tais fatores podem ser agrupados em três perfis de comportamento do aluno-abandono: as diferenças de comportamento estão baseadas em características individuais, do ambiente interno da UFSC e das condições exteriores a esta instituição.

O perfil mais freqüente no grupo analisado foi o que apresentava o fator “indivíduo” (que dizem respeito diretamente aos interesses do aluno) como dominante na escolha. Neste perfil, não havia de antemão um interesse maior do aluno pelo curso e, por conseguinte, pouca ou nenhuma expectativa positiva em relação à sua conclusão. A partir de algum momento durante a graduação, houve uma mudança de interesse que ocasionou o abandono. O aluno que deixou a universidade nestas condições não se arrepende de sua decisão.

É visível no discurso destes ex-alunos o fato de não terem como projeto de vida o curso que freqüentavam. Vários motivos são mencionados pelos alunos pertencentes a este perfil como sendo a principal causa do abandono, tais como: o curso não ter sido sua primeira opção; a oportunidade de ingressar na universidade, associada à pressão de passar no vestibular; a expectativa que o interesse pudesse surgir, sofrendo muitas vezes a influência de outros na escolha do curso; a esperança de poder se transferir para outro curso; a falta de aptidão; a frustração pela dificuldade de adaptar-se às exigências do curso e/ou às exigências da profissão; conseqüência de constantes reprovações em disciplinas.

O ingresso na universidade tem um caráter evolutivo, de garantia de um futuro profissional que possibilite, dentre outras coisas, a sua independência econômica, ascensão social e promoção pessoal. O jovem que não fez ou não está seguro da sua escolha, não se sente á vontade para fazê-la mais tarde. Atormentado pelo medo de “ficar para trás” em relação aos amigos, ou pela cobrança do outro por uma decisão, o jovem tende a inspirar-se no outro, sofrendo desta forma a influência do meio nesta escolha. Há ainda quem consciente ou inconscientemente use saídas menos óbvias para prorrogar esta decisão. É o caso do aluno que presta vestibular para um curso considerado difícil, para justificar que sua escolha já está feita, porém “passar para este curso não seria uma tarefa fácil”.

A ausência de uma identidade profissional leva o aluno ao desinteresse. Certa vez, um professor comentou como deveria ser a identificação, o desejo pelo curso, fazendo uma comparação com o desejo pela namorada. Desta forma, segundo ele, estar no curso almejado é como estar com a querida namorada, sempre querendo estar próximo, fazendo projetos, investindo. Já se esta namorada não é tão desejada assim, que projeto de futuro se tem para com ela? O de abandoná-la o mais rápido possível! É o que se percebeu com os alunos pertencentes ao perfil “indivíduo”.

O perfil com segunda maior ocorrência foi o que teve o “ambiente externo” (sejam problemas financeiros, familiares ou de saúde) como agente definitivo. Neste perfil, num primeiro momento, o que ocorre é um interesse do aluno pelo curso, uma expectativa positiva em relação à sua conclusão e a possibilidade de exercer a carreira escolhida. Em algum momento durante a graduação, o fator externo é preponderante na escolha do abandono. Neste caso, o aluno que abandonou a universidade continuaria o curso, caso as condições externas lhe fossem favoráveis.

Alunos pertencentes a este perfil declararam na sua maioria dificuldades financeiras. A fato de não conseguirem pagar aluguel, ônibus, alimentação e por serem alguns, responsáveis (ou coresponsáveis) pelo sustento de sua família constituem os principais motivos declarados neste perfil. Outros respondentes revelaram suas chances de já ingressarem no mercado de trabalho. Outros ainda, em menor escala, pontuaram problemas de saúde, recomendados pelo médico para ficarem em total repouso.

Como se pode perceber, o vestibular não é a única forma de seletividade social. Fica evidente na maior parte de pertencentes a este perfil, o peso da dificuldade econômica sobre sua decisão de abandonar a universidade. Nestes casos, a necessidade de manter-se e/ou manter uma família é naturalmente prioritária em relação à continuidade do curso universitário.

Em menor frequência, aparecem os fatores ligados à própria estrutura da UFSC (professores, colegas e/ou instituição). Neste caso, apesar do interesse inicial do aluno pelo curso, da expectativa positiva em relação à sua conclusão e a possibilidade de exercer a carreira escolhida, a partir de algum momento durante a graduação, algum fator interno da instituição foi definitivo na opção pelo abandono. O aluno que abandonou o curso por algum motivo desta classe tomaria a mesma decisão novamente. Porém, poucos respondentes apontam deficiências no âmbito da UFSC, o que se pode concluir que apesar de ter falhas, estas não são suficientemente significativas para levar ao abandono.

Alunos pertencentes a este último perfil apresentaram como motivos: falta de contato humano, no sentido de superar suas dificuldades com as matérias; decepções com professores que se

mostravam tendenciosos na sua ideologia; diferença de valores em relação aos novos colegas; desestímulo causado pelo curso pouco prático e muito teórico.

Pode-se entender através dos discursos desse perfil, a dificuldade dos alunos de se adaptarem ao curso, à estrutura universitária, aos novos colegas de turma, à relação distante com os professores. De uma forma geral: dificuldade em se enquadrar ao novo sistema de ensino. A passagem pela universidade é marcada pelos complexos desafios de ajustamento emocional, com exigência de adaptação a novas rotinas, regras e relações.

Quando se observa um grupo qualquer de pessoas, pode-se perceber um pouco da dinâmica das relações. Algumas pessoas adaptam-se com mais facilidade às exigências ou mudanças do que outras. Nossa capacidade de adaptação está principal e diretamente relacionada com nossas experiências. Quanto mais contato se tem com determinada coisa ou situação, menor será a fantasia, ansiedade e surpresa em relação a ela e maior será a adaptação frente ao novo. No início da vida acadêmica, os alunos apresentam um comportamento mais rígido e punitivo no controle dos impulsos. Com os diferentes contatos que vai fazendo ao longo dos anos, vai se estruturando um comportamento mais flexível e adaptativo, pois os impulsos descobrem formas de expressão mais criativas, aceitáveis e satisfatórias. O aluno deve dispor de um comportamento exploratório, buscando um maior conhecimento de si e do mundo do trabalho, com intuito de achar a melhor tradução do seu autoconceito em um conceito ocupacional.

A escolha profissional ou a escolha de abandonar um curso universitário não é uma decisão isolada, mas sim um processo ao longo de vários anos da vida. Em geral, o adolescente não se prepara para uma decisão madura e consciente, o que leva a escolhas sem base e futuras decepções. No entanto, apesar de traumática, a decisão de abandonar um curso superior faz parte deste processo. Se, do ponto de vista institucional, o abandono é uma perda, para o jovem este foi um momento de reflexão, ainda que tardio, sobre seus valores e perspectivas de futuro. Tal decisão foi, para a maioria dos ex-alunos pesquisados, um momento importante e positivo em suas vidas.

O papel do orientador profissional como facilitador de escolhas – incluídas aí a escolha de entrar em um curso universitário, de permanecer nele ou de abandoná-lo – pode ser auxiliado pela definição dos perfis propostos neste trabalho. A partir de informações contextuais que indiquem um comportamento mais provável, pode-se avaliar durante a prática de orientação profissional qual a expectativa em relação ao curso escolhido de um aluno universitário, observadas as suas características individuais, as da universidade e as da sociedade que o envolve. Assim, pode-se,

em diferentes momentos – antes da entrada na universidade ou durante o próprio curso superior – atuar preventivamente para que, caso a caso, a melhor escolha seja feita.

6 Referências Bibliográficas

- Andreola, B. A. *O Problema da Evasão nos Cursos de Pós-Graduação*. Dissertação de Mestrado em Educação. Porto Alegre, UFRGS, 1977.
- Bhatnagar, J. "Educational Background at Entry and Drop-Out from Part-time Undergraduate Studies". *Journal of Experimental Education*. Washington, 47(2):103-6, Winter 1978/79.
- Bicudo, M. A. V. (org.). *Evasão Escolar nos Cursos de Graduação da UNESP*. São Paulo, UNESP, 1995.
- Bock, A. M. B. "Concepções de Indivíduo e Sociedade e as Teorias em Orientação Profissional," in: Bock, A. M. B. et al. *A Escolha Profissional em Questão*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1995, pp. 61-70.
- Bohoslavsky, R. (org.). *Vocacional: Teoria, Técnica e Ideologia*. São Paulo, Cortez, 1983.
- Bohoslavsky, R. *Orientação Profissional: A Estratégia Clínica*. 11ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- Brandão, Z.; Baeta, A. B.; Rocha, A. D. C. *Evasão e Repetência no Brasil: A Escola em Questão*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.
- Carcinel, A., "Evasão [nas Universidades Públicas Brasileiras] é Menor do que se Imagina". *Jornal da Unicamp*. Campinas, 117 (10):6, Dezembro/96.
- Carcinel, A., "Unicamp Detém Menor Índice [de Evasão] entre as Universidades Públicas". *Jornal da Unicamp*. Campinas, 117 (10):7, Dezembro/96.
- Chizzotti, A. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo, Cortez, 1991.
- Cidral, A. *Escolha Profissional: o Adolescente na Interseção entre vários Mundos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Florianópolis, UFSC, 1998.
- Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. *Avaliação da Universidade: Propostas e Perspectivas*. Estudos e Debates, Vol. 14. Brasília, CRUB, 1988.
- COPERVE/UFSC. *Relatório do Vestibular 96*. Florianópolis, COPERVE/UFSC, 1996.
- COPERVE/UFSC. *Relatório do Vestibular 97*. Florianópolis, COPERVE/UFSC, 1997.
- COPERVE/UFSC. *Relatório do Vestibular 99*. Florianópolis, COPERVE/UFSC, 1999.
- Costa, V. *Evasão, Retenção e Rendimento em Relação à Ordem de Opção Atendida nos Cursos de Graduação da UFRGS*. Dissertação de Mestrado em Educação. Porto Alegre, UFRGS, 1979.
- Crites, J. O. *Psicologia Vocacional*. Buenos Aires, Paidós, 1974.
- Ferreti, C. J. "Avaliação de Um Programa de Informação Escolar e Profissional"-Tese de mestrado- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento -PUCSP, 1974.
- Ferreti, C. J. *Uma Nova Proposta de Orientação Profissional*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1988.

- Grego, S. M. D. "A Avaliação Institucional dos Cursos de Graduação," in: Sguissardi, V. (org.) *Avaliação Universitária em Questão: Reformas do Estado e da Educação Superior*. Campinas, Autores Associados, 1997, pp. 91-122.
- Guesser, L. *A Duração do Fluxo dos Alunos e a Eficiência nos Cursos de Graduação com a Adoção do Sistema de Matrículas por Disciplina na UFSC*. Dissertação de Mestrado em Educação. Porto Alegre, UFRGS, 1978.
- INEP. *Bibliografia Brasileira de Educação / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais*. Brasília, INEP, 1980-.
- Labarca, C.; et al. *La Deserción a la Carrera de Educación Básica en la Universidad de Chile*. Santiago, Universidad de Chile, 1980.
- Lassance, M. C. P.; Gocks, A.; Francisco, D. J. "Escolha Profissional em Estudantes Universitários: Estilos de Escolha". In: Anais do 1º Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional/Ocupacional. Porto Alegre, 1993.
- Levenfus, R. S. et al. *Psicodinâmica da Escolha Profissional*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- Lima, A. O. *Avaliação Escolar: Julgamento ou Construção*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- Magalhães, M. O.; Lassance, M. C. P.; Gomes, W. B. "Perspectiva Experiencial da Indecisão Vocacional em Adolescentes". *Revista da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais*. Florianópolis, 2(1):21-58, 1998.
- Maia, M. F. *A Evasão no 3º Grau: a Quem Interessam as Razões?* Dissertação de Mestrado. Campinas, UNICAMP, 1984.
- Martin-Baró, I. *Acción e ideologia: Psicología Social desde Centroamérica*. 2ª. ed. El Salvador, UCA Editores, 1985.
- Martins, G. A. "Metodologia da Pesquisa em Administração". *Anais da XVII Reunião Anual da ANPAD*. Salvador, 1993.
- Mattiazzi, B. *A Natureza dos Interesses e a Orientação Vocacional*. Rio de Janeiro, Vozes/MEC, 1974.
- Miranda, E. M.; Montaya, R. A.; Montaya, O. A. "La Deserción en las Carreras en la Universidade Nacional de San Luis". *Revista del Instituto de Investigaciones Educativas*, Buenos Aires, 11(50):63-76, jun. 1985.
- Moraes, I. N. "A Evasão na Universidade de São Paulo". *Problemas Brasileiros*. São Paulo (260):22-46, nov./dez. 1986..
- Moreira, M. J. *A Evasão Escolar no Curso de Biblioteconomia: o Caso da Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO)*. Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro, UNIRIO, 1988.
- Neiva, K. M. C. *Entendendo a Orientação Profissional*. São Paulo, Paulus, 1995.
- Nisbet, J. D.; Welsh, J. "Prediction of Failure at University or Failure from Prediction". *British Journal of Educational Psychology*. Edinburgh, 46(3):261-6, Nov. 1976.
- Pimenta, S. G. *Orientação Vocacional e Decisão: Estudo Crítico da Situação no Brasil*. 4ª ed. São Paulo, Loyola, 1981.
- Richardson, R. J. *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. São Paulo, Atlas, 1985.

- Rivas, F. M. *Psicologia Vocacional: Enfoques del Asesoramiento*. Madrid, Morata, 1988
- Rome, E.; Lewin, T. "Predicting Persistence at University from Information Obtained at Intake". *Higher Education*. Amsterdam, 13(1):49-66, Feb. 1984.
- Rudio, F.V. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis, Vozes, 1980.
- Schlindwein, A. P. "O Vestibular em Três Dimensões". *Diário Catarinense*. Florianópolis, 01.07.97.
- Schwartzman, J., "Um Sistema de Indicadores para a Universidade Brasileira," in: Sguissardi, V. (org.). *Avaliação Universitária em Questão: Reformas do Estado e da Educação Superior*. Campinas, Autores Associados, 1997, pp. 149-176.
- Schwartzman, S., "Funções e Metodologias de Avaliação do Ensino Superior," in: Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. *Avaliação da Universidade: Propostas e Perspectivas*. Estudos e Debates, Vol. 14. Brasília, CRUB, 1988, pp. 21-45.
- Silva, L. B. C. "Contribuições para uma Teoria Psicossocial da Escolha da Profissão," in: Bock, A. M. B. et al. *A Escolha Profissional em Questão*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1995, pp. 25-44.
- Soares, D. H. P. *O Jovem e a Escolha Profissional*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
- Soares-Lucchiari, D. H. P. "O Serviço de Orientação Profissional da UFSC," in: Soares-Lucchiari, D. H. P. (org.). *Pensando e Vivendo a Orientação Profissional*. São Paulo, Sumus, 1993, pp. 90-95.
- Souza, I. *Evasão na UFSC?*. Dissertação de Mestrado em Administração. Florianópolis, UFSC, 1999.
- Terenzini, P. T. et al. "Predicting Freshman Persistence and Voluntary Dropout Decisions: a Replication". *Research in Higher Education*. Amsterdam, 15(2):109-27, 1981.
- Tomé, M. R. C. *O Curso de Mestrado em Educação da UFRJ: uma Visão de Mestrandos Evadidos*. Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro, UFRJ, 1988.
- Triviños, Augusto N. S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais - A Pesquisa Qualitativa em Educação*. São Paulo, Atlas, 1987.
- UFRGS. *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Setorial de Educação / Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação*. Rendimento Escolar. Porto Alegre, UFRGS-FE-BSE. 12(1/2):73-152, jan./dez. 1987.
- UFRGS. *Evasão dos Cursos de Graduação da UFRGS em 1985, 1986 e 1987*. Porto Alegre, UFRGS, 1991.
- UFSC. *Estatuto e Regimento Geral*. Florianópolis, UFSC, 1996.
- UFSC. *Regimento dos Cursos de Graduação*. Florianópolis, UFSC, 1997.
- Walther, L. *A Orientação Profissional e as Carreiras Liberais*. São Paulo, Melhoramentos, 1962.

7 Anexo

7.1 Carta de apresentação e questionário

PORTO PAGO
DR / SC
PRT 0960/99

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Programa de Pós-Graduação em Psicologia



Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
<http://www.ufsc.br>

Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFH
<http://www.cfh.ufsc.br>

Departamento de Psicologia - PSI
<http://www.cfh.ufsc.br/cfh1998/psicologia.html>

Programa de Pós-Graduação em Psicologia
<http://www.cfh.ufsc.br/~mest-psi>

LÍOP

Laboratório de Informação e Orientação Profissional
<http://www.cfh.ufsc.br/~liop>

Remetente: _____
Endereço: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
88040-999 Florianópolis - SC

O SELO SERÁ PAGO POR

CARTA RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR

PRT 0875/99
AC/ CUE
DR / SC